



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

ANA LUÍSA DE SOUSA SANTOS

Memorial

QUEM CUIDA DE QUEM CUIDA?

**Série de reportagens radiofônicas sobre economia do cuidado e a
sobrecarga das mulheres brasileiras**

Brasília,

2º/2021

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

Ana Luísa de Sousa Santos

QUEM CUIDA DE QUEM CUIDA?

**Série de reportagens radiofônicas sobre economia do cuidado e a
sobrecarga das mulheres brasileiras**

Memorial descritivo do produto apresentado à Universidade de Brasília como parte do Projeto Final em Jornalismo e requisito parcial para a obtenção do título de bacharela em Jornalismo.

Orientador: Carlos Eduardo Machado da Costa Esch

Brasília,

2º/2021

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

QUEM CUIDA DE QUEM CUIDA?

Série de reportagens radiofônicas sobre economia do cuidado e a sobrecarga das mulheres brasileiras

Projeto experimental apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Banca Examinadora

Carlos Eduardo Esch (orientador)

Elton Bruno Pinheiro (membro titular)

Márcia Marques (membro titular)

Nathália Coelho (suplente)

Brasília

2º/2021

*“Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a liberdade seja nossa
própria substância”*

Simone de Beauvoir

*À minha mãe, Dona Olga, minha maior inspiração de vida e,
consequentemente, deste trabalho.*

*Ao meu irmão Adriano Gouveia pela planilha de organização de
estudos. Só queria poder te dizer que deu certo, e sei que estaria
imensamente feliz por mais essa etapa que encerro.*

Agradecimentos

Antes de tudo e todos, eu agradeço à minha mãe, Olga Corrêa. Sem ela, definitivamente, eu não estaria onde estou. Sem a luta dela para criar cinco filhos praticamente sozinha, eu não conseguiria ter chegado até aqui. Mãe, a gratidão pela senhora rompe as barreiras desta vida.

A realização deste sonho também não seria possível sem o apoio da minha família. Meus mais sinceros agradecimentos aos meus irmãos Ademir Gouveia Júnior e Alexandre Gouveia, à minha irmã Alice Gouveia, e especialmente ao meu irmão Adriano Gouveia, que não está mais entre nós, mas fez parte de um trecho dessa caminhada, que acreditou em mim quando eu mesma não acreditava, quando achava que não iria dar conta de passar em uma universidade pública. Infelizmente você não estava mais aqui quando eu passei no vestibular, mas acredito que em algum lugar deve estar feliz vendo todo o processo até aqui. Cada conquista minha é sua também, meu irmão.

Ao meu cunhado Marlon Pontes e à minha cunhada Diana Brandão, vocês também foram essenciais nesse processo, não só da graduação, mas da vida, já que me conhecem desde pequena, vejo-os como família antes mesmo de ter noção do significado da palavra. Às minhas sobrinhas Maria Clara, Catarina, Melissa, e ao meu sobrinho Martín, obrigada por tornarem a vida mais leve.

Um agradecimento especial às irmãs que a Universidade de Brasília me apresentou Bárbara Beatriz e Wanessa Alves, e também às minhas amigas de graduação Ana Clara Cabeceira e Ellen Naisla, vocês fizeram esse trajeto dentro da universidade ser repleto de apoio e acolhimento.

Contrariando o que eu disse que não faria no meu Trabalho de Conclusão de Curso, mas queimando minha própria língua, agradeço ao meu parceiro Leonardo de Almeida. Obrigada por tudo, principalmente por ser apoio nos momentos difíceis, pelas conversas acolhedoras e reconfortantes. Sei que esse agradecimento fica registrado para sempre, mas não poderia deixá-lo de fora. Também sei que mesmo que nossas vidas sigam outros rumos, a amizade sempre permanecerá.

Aos meus amigos e amigas de outros carnavais Pedro Victor Damasceno, Davi Mendes, Raquel Maria, Gabriela Lima e Marco Delgado, que mesmo não nos vendo muito, estiveram na torcida por mim mesmo que de longe.

Este trabalho também não seria possível sem o trabalho incessante e maravilhoso da minha psicóloga Laura Viana, que me fez entender que organização é bom, mas agendar horário para chorar por não ter tempo já é colocar um pé no *burnout*. Laura, obrigada por me fazer enxergar o óbvio, que chorar e sentir não tem data marcada, muito menos hora reservada, e que é necessário sentir o que sentimos, é um processo. Seus conselhos tornaram essa etapa da vida mais leve.

Ao meu orientador Carlos Eduardo Esch por agregar com seu conhecimento neste trabalho e por me tranquilizar quanto ao processo quando necessário.

À equipe do Globo Rural de São Paulo e Brasília, último estágio pelo qual passei. Um agradecimento especial para Caroline Dulley, por ser uma mentora e pessoa incrível, e Millena Campello, colega de faculdade que me indicou para editoria, obrigada por proporcionar uma das melhores experiências profissionais da minha vida.

À equipe da Rede Globo Brasília, especialmente da TV local, primeira editoria pela qual passei no meu estágio na TV Globo, um agradecimento especial a Morena Pinheiro, Vinicius Cassela, Geovanna Gravia, Marcus Barbosa, Anna Reis, Sofia Corrêa, Antônio de Castro e Jessica Antunes, pelos *feedbacks* e por acreditarem no meu trabalho. Agradeço também ao Fábio William, âncora do DF1, espero que os números do seu bolão sejam sorteados na loteria antes do fim do meu estágio para poder pegar uma fatia desse prêmio.

Não poderia deixar de agradecer também à equipe do g1 DF: Marília Marques – que hoje é repórter do DF2 -, Maria Helena Martinho, Pedro Alves Neto, Walder Galvão, Brenda Ortiz e Caroline Cintra, obrigada pela confiança e pelos conselhos, eu aprendi muito no portal.

A todas as entrevistadas para a realização deste trabalho, obrigada por compartilharem conhecimento, luta e sobrecargas. Um agradecimento especial a Jeovana Carvalho e Joanilde Brandão por cederem suas vozes para a vinheta da série de reportagens.

Também não poderia deixar de mencionar as músicas de Marina Sena e Billie Eilish, que me possibilitaram uma pausa para recuperar a tranquilidade em momentos que a ansiedade bateu à porta.

RESUMO

Este projeto teve como objetivo desenvolver uma série de reportagens radiofônicas sobre a sobrecarga das mulheres brasileiras e a economia do cuidado. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as mulheres no Brasil dedicam, em média, 11 horas semanais a mais que os homens em atividades de cuidado e afazeres domésticos, o que evidencia uma desigualdade na divisão de tarefas dentro dos lares brasileiros e, conseqüente sobrecarga delas por desempenharem várias jornadas de trabalho, para além do emprego remunerado formal ou informal. Objetiva-se com esta pesquisa desenvolver uma série de reportagens com três episódios que coloquem esse assunto em evidência apontando os motivos por, ainda hoje, as mulheres exercerem majoritariamente esse papel de cuidado e desvendando como podemos mudar esse cenário.

Palavras-chave: Radiojornalismo, Reportagem, Relações de Gênero, Economia do Cuidado, Divisão Sexual do Trabalho

Sumário

1. INTRODUÇÃO	10
2. OBJETO JORNALÍSTICO DA SÉRIE	12
3. JUSTIFICATIVA	14
4. OBJETIVO GERAL	16
4.1 Objetivos específicos	16
5. REFLEXÕES CONCEITUAIS E DE CENÁRIO	17
5.1 A reportagem	17
5.2 O jornalismo e o rádio	18
5.3 Gênero, classe, raça e as relações de trabalho	21
5.4 Divisão sexual do trabalho	24
5.4.1 Economia do cuidado	26
6. ETAPAS DE PRODUÇÃO	30
6.1 Pauta e pré-produção	30
6.2 Produção	32
6.3 Pós-produção	34
6.4 Descrição dos episódios	35
7. CRONOGRAMA	37
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
8.1 Da produção e do produto	38
8.2 O ser jornalista e o jornalismo	39
8.3 Encerramento de ciclo	39
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
10. APÊNDICE	44
10.1 Pautas	44
10.2 Roteiros	59

1. INTRODUÇÃO

A pandemia ocasionada pela covid-19 colocou em evidência, mais uma vez, que as mulheres brasileiras exercem mais de uma jornada de trabalho. Além do trabalho formal ou informal fora de casa - atividades geralmente remuneradas -, as mulheres também trabalham dentro de casa. A diferença é que essa última não é remunerada e nem reconhecida como um trabalho muitas das vezes, ou quando é remunerada, os salários são consideravelmente baixos, como é o caso das empregadas domésticas. O trabalho dentro dos lares é compreendido por afazeres como limpar a casa, cuidar dos filhos, fazer comida e outra série de atividades.

No entanto, esse fenômeno não é novidade para as mulheres no Brasil. Historicamente, elas são designadas às atividades de cuidado, é uma mentalidade que, ainda hodiernamente, persiste em nossa sociedade como exclusiva para serem desempenhadas por mulheres. Um exemplo disso é o processo de socialização das meninas, que desde a infância são ensinadas a cuidar. Um reflexo disso são os presentes que recebem quando crianças, que muitas vezes são compostos de utensílios domésticos ou bonecas bebês.

Pensando na divisão de tarefas entre os gêneros no Brasil, uma pesquisa publicada, em 2021, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) evidenciou que as mulheres exercem quase o dobro de tempo - 11 horas semanais a mais - em afazeres domésticos e de cuidados do que os homens, sendo as mulheres negras e pobres as que mais exercem essas atividades¹. Os dados divulgados pelo IBGE são referentes ao ano de 2019, antes da crise sanitária e social ocasionada pelo coronavírus.

Apesar do cenário estar mudando, mesmo que lentamente, e os homens estão participando cada vez mais das suas próprias responsabilidades, a pandemia acentuou ainda mais a sobrecarga de trabalho que recai sobre as mulheres brasileiras. A mentalidade da nossa sociedade ainda designa os serviços de cuidado majoritariamente às mulheres, mas essas atividades, como cuidar do filho, também é responsabilidade dos homens e realizar tarefas domésticas é uma obrigação de quem reside no ambiente em questão.

Esses afazeres de cuidado dentro do ambiente familiar têm nome no universo econômico, essa estrutura é intitulada economia do cuidado. Essa parte da economia está ligada diretamente com a economia produtiva, que é a que gera lucro diretamente. Não

¹ Estatísticas de Gênero - Indicadores sociais das mulheres no Brasil. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?=&t=o-que-e>. Acesso em 16 de março de 2022.

obstante, a economia produtiva não seria possível sem a economia do cuidado, pois ela é que forma e cuida da mão de obra utilizada no mercado de trabalho: nós, seres humanos.

A série de reportagens, resultado desta produção jornalística, tem como finalidade a reflexão sobre o assunto. Para este trabalho, foram entrevistadas especialistas em diversas áreas sobre o tema e também mulheres que compartilharam com a reportagem as suas sobrecargas.

Posto isso, este trabalho tem como objetivo dar visibilidade a essa questão social que afeta as mulheres brasileiras por meio do jornalismo, com foco na reportagem radiofônica. A série de reportagens, composta por três episódios, explica o contexto social e econômico que envolve a economia do cuidado e como isso afeta a vida das mulheres no país. Objetiva-se com esta produção também possibilitar a reflexão sobre o tema e os caminhos que a sociedade pode seguir para uma atenuação da sobrecarga de trabalho das mulheres brasileiras.

2. OBJETO JORNALÍSTICO DA SÉRIE

A reportagem aborda temas relacionados ao contexto social e econômico que envolve a intitulada economia do cuidado, que é compreendida pelos afazeres domésticos e de cuidado com dependentes, como filhos e idosos, e busca analisar por qual motivo esses serviços são designados majoritariamente às mulheres. Além disso, uma das questões centrais da reportagem é entender o motivo pelo qual essas atividades de cuidado não são vistas como um trabalho na nossa sociedade, muito menos remuneradas quando feitas pela dona de casa ou uma mulher da família, ou ainda quando remuneradas, são mal pagas.

O contexto brasileiro antes da pandemia, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontava que 12 milhões de mulheres no Brasil educavam os filhos sozinhas. Dessas brasileiras, aproximadamente 64% viviam abaixo da linha da pobreza². Um levantamento do IBGE divulgado em 2021 evidenciou que as mulheres brasileiras dedicaram, em média, 11 horas semanais a mais em atividades domésticas e de cuidado do que os homens em 2019. Apesar do cenário estar mudando aos poucos, ainda há a desigualdade na divisão de tarefas nos lares brasileiros, onde grande parte da responsabilidade por essas atividades cotidianas são exercidas por mulheres.

Outras pesquisas já apontam a intensificação da sobrecarga enfrentada pelas brasileiras no período de crise sanitária ocasionada pelo coronavírus. Um levantamento feito pela organização não-governamental Sempre Viva Organização Feminista (SOF) e a empresa social Gênero e Número evidenciou que 50% das mulheres brasileiras passaram a cuidar de alguém durante a pandemia. Ademais, 41% disseram estar trabalhando mais durante esse período³.

Para além do cenário social e econômico, a matéria também trata da saúde física e mental de mulheres relacionados ao processo da sobrecarga gerada pela dupla jornada de trabalho exercida por elas, lembrando que esse fenômeno não é algo novo, não veio com a pandemia – mas que a crise sanitária colocou em evidência mais uma vez. Trata-se de um fenômeno cultural, que não vai terminar com o fim da pandemia. A matéria visa buscar entendimento sobre o contexto social brasileiro para mulheres antes da pandemia, entender o

² Estatística de Gênero - Indicadores sociais das mulheres no Brasil. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-15,-16.55,-17,-18.128&ind=4704>. Acesso em 15 de abril de 2022.

³ Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. Disponível em: <https://mulheresnapanademia.sof.org.br/>. Acesso em 15 de abril de 2022.

porquê a elas é designado o dever de cuidar da casa e da família e o quanto isso vem mudando em vários lares.

Nessa senda, o objeto jornalístico da reportagem é tratar sobre os motivos e as consequências das mulheres se sentirem sobrecarregadas com as atividades domésticas e de cuidado com familiares. Foram ouvidas especialistas, como sociólogas, psicólogas, cientistas sociais e políticas, assistentes sociais, economistas, e mulheres que se sentiram ainda mais sobrecarregadas com atividades domésticas e de cuidado durante a pandemia de covid-19, mas antes dela também.

Os deveres como cuidar da casa e da família designados às mulheres não é só um cenário encontrado no Brasil, mas em vários outros países. No entanto, o foco da reportagem é o contexto brasileiro. Ademais, a reportagem, em seu terceiro e último episódio, ouviu especialistas para entender como esse problema - que está enraizado na sociedade brasileira - pode mudar aos poucos e quais são as perspectivas e possibilidades para que isso aconteça a médio e longo prazo.

3. JUSTIFICATIVA

A ideia para a realização deste projeto surgiu quando estava à procura de pautas para uma disciplina da graduação, Jornalismo em Rádio 2, e encontrei a pauta próxima a mim. Ouvi alguns relatos na minha família sobre o cansaço pela intensificação da sobrecarga de trabalho com atividades domésticas e de cuidado com familiares, encaminhando para um processo de esgotamento, durante a pandemia de covid-19.

Partindo dessa primeira observação, pude perceber amigas, mães de amigas e desconhecidas passando pelo mesmo, mas com diferentes níveis de sobrecarga considerando questões de classe e raciais. Procurei pesquisas que me fornecessem dados sobre essa percepção e encontrei. As mulheres brasileiras realmente estavam e estão passando por um acúmulo de atividades - não que antes não passassem por isso -, mas a pandemia de coronavírus intensificou essa sobrecarga por diversos fatores, como o cuidado com a família que ficou maior e a atenção com tarefas domésticas também.

Percebendo a importância do tema, pois ele trata de um problema social, e é de extrema relevância para a sociedade brasileira e também para o estabelecimento de possíveis políticas públicas que possam ajudar mulheres brasileiras a terem um pouco de respiro, resolvi pesquisar mais sobre o contexto antes da pandemia. Nessas pesquisas pude perceber que essa sobrecarga de trabalho das mulheres vem de muito antes da pandemia, e encontrei uma área de estudo – ainda pouco pesquisada no Brasil – chamada economia do cuidado e da reprodução.

Muitas emissoras e jornais passaram a tratar do assunto da intensificação de trabalho doméstico e de cuidado com familiares realizado pelas mulheres brasileiras, mas nada se falava sobre esse fenômeno não ser novo, não ser fruto da pandemia. Além do mais, as reportagens exibidas não mostravam como o Estado poderia agir para formular políticas públicas que ajudassem essas mulheres na atenuação de suas sobrecargas de trabalho. Esse fato me gerou um incômodo e resultou neste projeto experimental em jornalismo.

O intuito deste projeto é ceder o espaço de visibilidade para debater sobre o assunto, enxergá-lo como um problema social que vai continuar no pós-pandemia, e possibilitar que especialistas falem abertamente ao público fora das universidades como podemos caminhar para mudar esse cenário.

Portanto, o objeto jornalístico da série se estabelece a partir do panorama que se constitui sobre a questão da sobrecarga de trabalho das brasileiras e na busca por entender o que é a economia do cuidado. Traçar um panorama sobre o assunto pode ser entendido como uma limitação, pois ao contrário da pesquisa acadêmica, a produção jornalística tem como foco principal dar visibilidade a um assunto pouco abordado fora das universidades, e, dessa forma, não se debruça da mesma maneira ao aprofundamento nos estudos de gênero e sobre a economia do cuidado. No entanto, ao mesmo tempo em que pode ser uma limitação, o estabelecimento de um panorama sobre a questão permite que cidadãos comuns tenham acesso ao que se discute no universo acadêmico, podendo proporcionar uma reflexão por parte das pessoas que não estão inseridas na comunidade acadêmica.

4. OBJETIVO GERAL

Por meio do jornalismo, colocar em evidência o tema economia do cuidado, pouco discutido na sociedade brasileira e no meio acadêmico no país. Além de ouvir e relatar a sobrecarga de trabalho das mulheres brasileiras em relação aos afazeres domésticos e de cuidados com familiares, evidenciando que essa situação ocorre muito antes da pandemia ocasionada pela covid-19.

4.1 Objetivos específicos

- Dar notoriedade ao tema economia do cuidado, por meio da série radiofônica, com estudos, pesquisas e entrevistas com especialistas que tratam sobre a temática no Brasil;
- Ouvir e relatar experiências, por meio de áudio, de mulheres que se sentem sobrecarregadas com as atividades domésticas e de cuidado com dependentes;
- Por meio da produção, apuração, montagem de roteiro e edição, exercer as várias funcionalidades do jornalista na construção da reportagem;
- Utilizar elementos sonoros para a produção da série de reportagens;
- Apresentar um panorama sobre o problema da sobrecarga de trabalho das mulheres brasileiras em relação aos afazeres domésticos e de cuidado com familiares e dependentes.

5. REFLEXÕES CONCEITUAIS E DE CENÁRIO

5.1 A reportagem

Antes de abordarmos o conceito de reportagem, é preciso estabelecer a diferença entre esse gênero do jornalismo e a notícia. Muito frequentemente reportagem e notícia são utilizadas como sinônimos, mas não são. A notícia seria algo menos aprofundado, com a utilidade de informar o leitor, o telespectador ou o ouvinte sobre o fato ocorrido, o factual, seria algo como “o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante, e este, de seu aspecto mais importante.” (LAGE, 2012, p. 32). Já a reportagem deriva da notícia, mas se diferencia pelo seu caráter mais aprofundado sobre o acontecimento, como evidencia o manual de redação do jornal *O Estado de S. Paulo*:

a reportagem pode ser considerada a própria essência de um jornal e difere da notícia pelo conteúdo, extensão e profundidade. A notícia, de modo geral, descreve o fato e, no máximo, seus efeitos e consequências. A reportagem busca mais: partindo da própria notícia, desenvolve uma sequência investigativa que não cabe na notícia. Assim, apura não somente as origens do fato, mas suas razões e efeitos. Abre o debate sobre o acontecimento, desdobra-o em seus aspectos mais importantes e divide-o, quando se justifica, em retrancas diferentes que poderão ser agrupadas em uma ou mais páginas. A notícia não esgota o fato; a reportagem pretende fazê-lo. (MARTINS, 1997, p. 254)

No entanto, para Lage (2012), o gênero jornalístico reportagem é de difícil conceituação, pois pode ser demasiadamente abrangente em algumas ocasiões. O autor chega a dar exemplos de situações factuais que poderiam ser transformadas em uma reportagem, em uma investigação e apuração mais prolongadas e aprofundadas do que a notícia em si, com uma riqueza de informações e detalhes que a notícia factual não se atém, como o fato de um desabamento que poderia vir a ser transformado em uma reportagem sobre as adversidades da construção civil (LAGE, 2012, p. 76-77).

[A reportagem] compreende desde a simples complementação de uma notícia – uma expansão que situa o fato em suas relações mais óbvias com outros fatos antecedentes, consequentes ou correlatos – até o ensaio capaz de revelar, a partir da prática histórica, conteúdos de interesse permanente, como acontece com o relato da campanha de Canudos por Euclides da Cunha (em sua obra *Os sertões*) (LAGE, 2012, p. 76)

Em *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística* (1986), Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari afirmam que a diferença entre notícia e reportagem se tornam tênues quando a notícia passa a trazer elementos de contextualização. No entanto, os autores evidenciam que para a reportagem é preciso a predominância de um relato humanizado, da forma narrativa e da objetividade dos fatos que estão sendo contados. Já para Faro (2013), a

reportagem vai muito além do que um gênero jornalístico, ela reflete a essência do fazer jornalístico.

Como relato que aborda um acontecimento para o qual a sensibilidade dos repórteres e dos editores percebe a potencialidade de uma história que mereça ser narrada em todas as suas dimensões, ela integra indiscutivelmente o universo operacional e etiológico das razões de ser da própria imprensa: apuração, checagem das fontes, confronto de informações, contextualização e competência descritiva do profissional (FARO, 2013, p. 77)

Seixas (2009) também traz a questão de a estrutura da reportagem ser mais livre do que a da notícia, sendo a reportagem dispensada da necessidade de um *lead*, criando a condição para o jornalismo interpretativo indo além da mera “transmissão de fatos”. A reportagem, portanto,

não segue a lógica do lead e pode criar imagens, impressões e invocar sentimentos. No foco, portanto, o grau de subjetividade do enunciador-jornalista, pois sua ação de interpretar permite comparar, explicar, transmitir segundo sentimentos e exige aprofundar e investigar. (SEIXAS, 2009, p. 67)

Considerando o aspecto da reportagem, o repórter se evidencia, mais uma vez, como essencial no processo jornalístico. Segundo Lage (2001), o repórter age como um “agente inteligente”, pois é ele quem exerce a função de “ouvido e olho” do público - que não pode estar presente naquele determinado lugar em determinado momento -, selecionando de maneira criteriosa o que interessa ao leitor, ouvinte ou telespectador.

Um agente inteligente deve ter autonomia, isto é, operar sem intervenção direta de seu contratante; ter habilidade social, isto é, interagir com outros agentes desenvolvendo, para isso, competência comunicativa; ser reativo, isto é, perceber o meio em que atua e responder em tempo aos padrões de mudança que ocorrem nele; e ser capaz de tomar a iniciativa, comportando-se de modo a cumprir sua tarefa. (LAGE, 2001, p. 9)

Logo, o repórter ou jornalista assume uma função de tradutor e mediador dos acontecimentos, da realidade que é apresentada ao público, de acordo com Lage. “A informação torna-se, portanto, matéria-prima fundamental e o jornalista um tradutor de discursos, já que cada especialidade tem jargão próprio e desenvolve seu próprio esquema de pensamento” (LAGE, 2001, p. 9).

5.2 O jornalismo e o rádio

A reportagem também está presente no rádio, e como esta pesquisa resulta em uma série de reportagens radiofônicas, faz-se necessário entender a importância do rádio para a difusão da informação e da prática jornalística. No rádio, as grandes reportagens costumam

ser divididas em episódios, e recebem comumente um outro tipo de denominação: o especial. Segundo Mcleish (2001), o especial seria uma forma de aprofundar temas complexos apresentando seus pontos essenciais.

Mas, para entender a importância do rádio no jornalismo brasileiro, é preciso voltar ao seu ponto de partida. O rádio completa, em 2022, os 100 anos da sua chegada oficial ao Brasil. A primeira transmissão via rádio oficialmente ocorreu em 7 de setembro de 1922, com a transmissão das comemorações do centenário da independência do país e a fala do presidente à época, Epitácio Pessoa, na inauguração da radiotelefonia no Brasil⁴. O considerado “pai do rádio” no país é o cientista e educador Roquette-Pinto, que foi um dos responsáveis pelas primeiras transmissões em solo brasileiro⁵.

Apesar das inovações tecnológicas e o surgimento de outros meios de comunicação, como a televisão, e mais recentemente, os portais de notícia na internet, o rádio - além de evoluir tecnologicamente - é ouvido por 80% dos brasileiros, segundo a pesquisa *Inside Radio 2021*, realizada pela empresa *Kantar IBOPE Media*⁶. Ainda segundo o estudo, cada ouvinte brasileiro costuma passar, em média, 4 horas e 26 minutos ouvindo rádio. Muito desse sucesso da manutenção do rádio nos dias atuais é por conta da sua linguagem simples, descritiva e ao mesmo tempo objetiva em tornar os assuntos complexos de fácil compreensão para um público diverso, além da facilidade de poder escutá-lo e realizar outras atividades simultaneamente.

O rádio é um meio de comunicação, difusão, e expressão que tem duas metas importantes: a reconstituição e a recriação do mundo real e a criação de um mundo imaginário e fantástico, produtor de sonhos para espectadores, perfeitamente despertos. (BALSEBRE, 2005, p.327).

A linguagem radiofônica, caracterizada por ser mais simples, aproxima ainda mais as pessoas que moram no campo desse meio de comunicação, de acordo com Neuberger (2012), pois o rádio informa sobre vários aspectos da vida no campo, como a previsão do tempo, dicas de plantio e ainda oferece alguns momentos de lazer (NEUBERGER, 2012, p. 81). A autora ainda explicita que, por mais que as pessoas que moram na área urbana não percebam o

⁴ Alguns acreditam que a primeira transmissão via rádio no Brasil foi feita pelo padre Roberto Landell de Moura, em 1894. História do Rádio no Brasil. Disponível em: <https://www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/23526-historia-do-radio-no-brasil>. Acesso em 27 de março de 2022.

⁵ Rádio no Brasil: há mais de 100 anos criando e contando histórias. Disponível em: <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/setembro/radio-no-brasil-ha-mais-de-100-anos-criando-e-contando-historias>. Acesso em 27 de março de 2022.

⁶ Estudo da Kantar IBOPE Media indica que consumo de rádio aumentou e alcança 80% dos brasileiros. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/estudo-da-kantar-ibope-media-indica-que-consumo-de-radio-aumentou-e-alcanca-80-dos-brasileiros/>. Acesso em 27 de março de 2022.

quanto ainda consomem o rádio, indiscutivelmente ele está presente na vida delas o tempo todo, seja no percurso até o trabalho ou no consultório médico.

Hoje em dia, o rádio está presente não só em aparelhos convencionais, mas em celulares, MP3, MP4, tablets, etc., o que o torna, às vezes, mais presente e mais discreto ao mesmo tempo. Dos transistores, que permitiram a miniaturização do rádio e sua consequente mobilidade, chegamos ao extremo da individualização pelo rádio, acompanhante inseparável de seus ouvintes. (NEUBERGER, 2012, p. 81).

A ideia do rádio como difusor de informação e entretenimento de forma democrática, não importando o nível escolaridade do ouvinte, onde ele mora ou questões culturais que os separam, é compartilhada por César (2009), que enxerga o rádio como um dos meios de comunicação de massa mais populares e de maior alcance público. “Não só no Brasil como em outras partes do mundo, constitui-se o único meio a levar a informação e o entretenimento para populações de vastas regiões que não têm acesso a outros recursos, por motivos geográficos, econômicos ou culturais.” (CÉSAR, 2009, p. 119).

Com o avanço das novas tecnologias, o rádio também se reinventou nos últimos anos. A internet trouxe para o rádio mais versatilidade enquanto seus meios de propagação, sendo comum neste meio a veiculação de reportagens em áudio nesse meio, as rádios do país puderam observar que por meio de plataformas de *streaming*, por exemplo, poderiam disponibilizar conteúdos, como reportagens especiais, para seus ouvintes escutarem quando quiserem.

Com as rádios na web ou webrádios, o rádio se reinventa, assim como acontece com todas as outras mídias, e passa a fazer parte de um cenário completamente diverso do vivenciado até então. É a era da convergência, na qual, cada vez mais, as mídias assemelham-se na Internet. (NEUBERGER, 2012, p. 82).

Fazendo parte desse novo cenário, a série de reportagens fruto desta produção jornalística também será adaptada para a internet, que assim como Neuberger (2012) destaca possibilita uma maior integração com outros formatos para além do áudio.

Neste cenário de intensa inovação tecnológica e uma repaginada na produção de conteúdo em áudio, temos a forte presença dos *podcasts*, que surge como um novo meio de propagação de informações e de conteúdo jornalístico, que pode abordar diversos temas, desde saúde até as notícias que foram destaques na semana ou no dia – como é o caso de famosos *podcasts*, por exemplo, *O Assunto*, produzido pela *Rede Globo* e apresentado pela jornalista Renata Lo Prete, e o *Café da Manhã*, produzido pelo jornal *Folha de S. Paulo*.

Ferrarreto (2009) destaca a internet como instrumento potencializador das propriedades fundamentais do rádio, que possibilita uma diversidade nas narrativas. O rádio, portanto, vem se transformando e se adaptando às novas formas advindas de evoluções tecnológicas.

5.3 Gênero, classe, raça e as relações de trabalho

Abordar as relações de gênero e a definição do que é gênero é fundamental para este trabalho, pois um dos seus pontos principais é a diferença nos papéis exercidos na sociedade estabelecidos de acordo com o gênero de cada indivíduo, mesmo que de forma automática e inconsciente, como é o caso da distribuição de tarefas domésticas e de cuidados com familiares, predominantemente feito por mulheres.

Além disso, é necessária a diferenciação de sobrecargas de trabalho entre mulheres brancas e negras, mulheres pobres ou ricas, pois levando em consideração os estudos interseccionais, questões como a diferença de classe e o racismo em nossa sociedade fazem com que as mulheres negras e pobres acumulem ainda mais tarefas do que mulheres brancas e ricas, por exemplo.

Dessa maneira, neste trabalho utilizaremos a definição de Judith Butler para o que vem a ser o gênero. A filósofa defende que essa conceituação está ancorada em uma construção social. Em sua obra intitulada *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2003), Butler critica justamente a visão única do movimento feminista da época, com as mulheres sendo consideradas um grupo único e com identidade também única, não colocando em pauta as diferentes identidades que podem ter dentro desse grupo.

Não obstante, essa representação engessada não se mostrou sustentável ao longo do tempo. Butler afirma que a identidade de gênero nada tem a ver com o sexo biológico, o gênero não está aprisionado ao corpo, mas é resultado de processos culturais e, conseqüentemente, sociais. Essa ideia da identidade de gênero desvinculada do sexo biológico é também defendida por Simone de Beauvoir, quando a pensadora escreve em seu livro *O Segundo Sexo* (1967), que nós não nascemos mulher, mas nos tornamos mulher.

Se alguém é uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra a ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais,

classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas (BUTLER, 2003, p. 20)

Nesse sentido, a ideia de uma identidade única para as mulheres não se mostra válida, pois pela busca de uma definição do que se trata o gênero sabemos que ele é perpassado por outras relações sociais, como questões raciais e de classe.

Estabelecida a definição conceitual de gênero, partimos para um dos pontos da pluralidade do movimento feminista: as questões raciais. Como explicitado anteriormente, o gênero, segundo a visão de Butler, é fruto de uma construção social e que possibilita o abrigo de diferentes identidades dentro do mesmo grupo. Essa relação social é perpassada por outras relações que se estabelecem no espaço em que a sociedade acontece, como as relações raciais e de classe.

Para esta série de reportagens, é fundamental realizar um breve recorte sobre a situação de classe e como ela interage com as questões de gênero e raciais. Mirla Cisne (2018) compreende em sua obra nomeada *Feminismo e consciência de classe no Brasil* a diversidade de pautas distintas que o movimento feminista tem dentro de suas lutas e reivindicações, um desses pontos estão as questões de classe. “O ‘trabalho desvalorizado’ e o ‘trabalho considerado feminino’ são entendidos, ainda, como tudo que se encontra entre a extração de trabalho mediante salário e a extração de trabalhos gratuitos.” (CISNE, 2018, p. 69).

[...] Em termos de classe e das relações de exploração, o “trabalho desvalorizado” ou “trabalho considerado feminino”, tipo de trabalho proletário que não teria atingido o estágio de desenvolvimento completo, permite fazer uma relação entre sexo e classe por um lado, entre “raça” e classe por outro. Na verdade, este trabalho desvalorizado obriga que a mão de obra desfavorecida se deixe apropriar precisamente para completar o salário muito baixo obtido por meio da exploração. É em torno desse trabalho desvalorizado que se desenvolve a rearticulação neoliberal das relações sociais, no que eu proponho chamar de uma lógica de vasos comunicantes (destaque da autora; tradução nossa). (FALQUET, 2012, p. 70 apud CISNE, 2020, p. 69)

De acordo com Abramo (2006), as variadas formas de discriminações que existem em nossa sociedade são refletidas “nos fenômenos de exclusão social que originam e reproduzem a pobreza” (ABRAMO, 2006, p. 40). Por isso, é necessário pensar em recortes de estudo quando pensamos sobre as relações de gênero, pois elas estão intrinsecamente ligadas a outras condições e relações.

Pensando ainda nessas diferenças dentro do grupo de mulheres, novos feminismos foram pensados. Segundo bell hooks, uma das maiores escritoras e pensadoras do movimento feminista negro nos Estados Unidos, em sua obra intitulada *O feminismo é para*

todo mundo: Políticas arrebatadoras, “nenhuma intervenção mudou mais a cara do feminismo norte-americano do que a exigência de que pensadoras feministas reconhecessem a realidade de raça e racismo” (HOOKS, 2015, p. 52). No país norte-americano, o movimento feminista negro ganhou exponencial notoriedade na década de 1970. No entanto, essa visibilidade das convergências e diferenças na luta de mulheres pretas e não brancas, e brancas foi e é sentida em várias outras sociedades, incluindo a realidade brasileira, principalmente no que tange os serviços reprodutivos e de cuidado.

Lélia Gonzalez (2020) descreve a situação da mulher negra economicamente ativa no Brasil como muito diferente das mulheres brancas. A autora discorre sobre essas diferenças pontuando a distinção dos trabalhos que, majoritariamente, as mulheres negras ocupam, que são concentrados em serviços de operações manuais. “As trabalhadoras negras se encontram alocadas em ocupações manuais rurais (agropecuária e extrativismo vegetal) e urbanas (prestação de serviços), tanto como assalariadas quanto como autônomas e não remuneradas” (GONZALEZ, 2020, p. 88).

A dimensão racial nos impõe uma inferiorização ainda maior, já que sofremos, como as outras mulheres, os efeitos da desigualdade sexual. Na verdade, ocupamos o polo oposto ao da dominação, representado pela figura do homem branco e burguês. Por isso mesmo constituímos o setor mais oprimido e explorado da sociedade brasileira. (GONZALEZ, 2020, p. 98).

Para o contexto deste trabalho, busca-se evidenciar que os serviços de cuidado com dependentes (crianças ou idosos) ou atividades domésticas, sendo elas remuneradas ou não, esses trabalhos são feitos majoritariamente pelas mulheres negras e pobres, como bem evidencia Gonzalez (2020). Segundo a autora, boa parte das mulheres negras brasileiras se voltam para o trabalho doméstico, neste caso realizado de forma remunerada – e mal remunerada – para mulheres brancas da classe média e alta. “Enquanto empregada doméstica, ela sofre um processo de reforço quanto à internalização da diferença, da subordinação e da ‘inferioridade’ que lhe seriam peculiares.” (GONZALEZ, 2020, p. 50).

Tudo isso acrescido pelo problema da dupla jornada que ela, mais do que ninguém, tem de enfrentar. Antes de ir para o trabalho, tem que buscar água na bica comum da favela, preparar o mínimo de alimentação para os familiares, lavar, passar e distribuir as tarefas dos filhos mais velhos com os cuidados dos mais novos (as meninas, de um modo geral, encarregam-se da casa e do cuidado dos irmãos mais novos). Após “adiantar” os serviços caseiros, dirige-se à casa da patroa, onde permanece durante todo o dia. (GONZALEZ, 2020, p. 50)

Portanto, a diferenciação dentro do grupo de mulheres é necessária para se pensar as distintas opressões e sobrecargas que cada setor dentro da luta feminista enfrenta, para que

seja possível dar visibilidade a esses problemas e a essa heterogeneidade de lutas que reside também no movimento feminista.

5.4 Divisão sexual do trabalho

Outro elemento fundamental a ser abordado para este trabalho é a divisão sexual do trabalho, pois o ponto central da série de reportagens é a diferenciação de tarefas entre homens e mulheres na sociedade brasileira. A mentalidade da nossa sociedade ainda estabelece, mesmo que de forma inconsciente, que as mulheres são as responsáveis por atividades de cuidado com a casa e com os filhos, por exemplo, e o conceito de divisão sexual do trabalho ajuda a entender o porquê essas divisões são estabelecidas dessa maneira.

Neste trabalho utilizaremos relações sociais de sexo e gênero como sinônimos, assim como Kergoat (2003). A autora explica que a maneira como homens e mulheres vivem e se apresentam no mundo não é algo estritamente biológico, mas, sim, por reflexos das construções sociais, formando dois grupos sociais distintos envolvidos em uma relação social intitulada relações sociais de sexo. Esses dois grupos, segundo a autora, estão em uma tensão permanente que gira em torno da questão do trabalho e as suas divisões. Dessa maneira, Kergoat afirma que as expressões relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho são indissociáveis. “Estas, como todas as relações sociais, têm uma base material, no caso o trabalho, e se exprimem através da divisão social do trabalho entre os sexos, chamada, de maneira concisa, divisão sexual do trabalho.” (KERGOAT, 2003, p. 55)

O conceito de divisão sexual do trabalho, segundo Kergoat (2003), foi utilizado pela primeira vez por etnólogos para denominar uma divisão “complementar” de afazeres entre mulheres e homens das sociedades que eles estudavam. A autora traz ainda a informação de que o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss utilizou desse conceito para explicar o funcionamento da estrutura da sociedade familiar. No entanto, Kergoat afirma que a noção de divisão sexual do trabalho decorrente das relações sociais de sexo foi utilizada, primeiramente, por antropólogas feministas.

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; essa forma é adaptada historicamente e a cada sociedade. Ela tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apreensão pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares etc) (KERGOAT, 2003, p. 55-56)

Nesse sentido, para Kergoat (2003), a noção de divisão sexual do trabalho é dividida em dois grupos: o princípio de separação e o princípio de hierarquização. Ainda de acordo

com a autora, o princípio de separação pode ser entendido como a existência de trabalhos exclusivamente de homens e trabalhos exclusivamente de mulheres. Já o princípio da hierarquização é definido - por Kergoat - como se o trabalho de um homem valesse mais do que o trabalho realizado por uma mulher. Há divergências, de acordo com a autora, entre alguns pensadores sobre para quais sociedades essa divisão é válida, sendo que alguns afirmam que pode ser válida para todas as sociedades que conhecemos, mas outros não aceitam essa afirmação.

Mesmo com o processo de globalização, e a presença mais evidente das mulheres no mercado de trabalho, a designação ao trabalho doméstico às mulheres não mudou muita coisa ou não mudou, de acordo com Hirata (2003). As condições de trabalho e de saúde, e a desigualdade nos salários não foram sendo mitigadas com o crescimento do emprego assalariado das mulheres e nem a divisão do trabalho doméstico foi repensado com a inserção das mulheres no mundo do trabalho profissional (HIRATA, 2003, p. 16).

A relação entre trabalho doméstico e afetividade parece estar no próprio cerne dessa permanência. Na verdade, as mudanças na divisão do trabalho doméstico são muito lentas. O desenvolvimento das tecnologias para uso doméstico tende a tornar as tarefas menos penosas, mas a divisão sexual desse tipo de trabalho e a atribuição do mesmo às mulheres continuou intata. (HIRATA, 2003, p. 16)

Segundo Segnini (2003), as relações sociais de sexo dialogam constantemente com as mais variadas relações sociais que se rearticulam e perpassam pela sociedade, como questões de classe e raciais. Em relação à questão de classe, no que tange o cuidado com os filhos, as mulheres mais pobres tendem a buscar estratégias, para ter com quem deixá-los enquanto trabalham, sob os cuidados de familiares ou vizinhos, e em número menos expressivo, em creches públicas, por conta do baixo número de vagas nesses espaços (SEGNINI, 2003). Já as mulheres mais ricas tendem a terceirizar esse serviço, com condição de trabalho melhor no mercado de trabalho, transferem a responsabilidade de cuidado para empregadas domésticas ou matriculam os filhos em escolas particulares (SAFFIOTI, 1994 apud SEGNINI, 2003). Portanto, os homens são comumente excluídos das responsabilidades de cuidado e trabalho doméstico.

Em nome dessa responsabilidade, transformada em verdadeiro dever, é que a liberdade individual das mulheres foi sacrificada – e continua a sê-lo – em nome da eficácia coletiva, sendo sua contribuição para o capital humano considerada prioritária em relação a qualquer perspectiva de projeto pessoal. (GUÉRIN, 2003, p. 79).

De acordo com a perspectiva de Guérin (2003), mesmo em países com legislações mais igualitárias, como os países escandinavos, a divisão de tarefas permanece inalterada,

pois as mulheres continuam a ser designadas aos serviços de cuidado com os dependentes (crianças ou idosos), mesmo quando o Estado dá auxílio financeiro para cobrir parte das necessidades. Nessa ótica, Folbre (1997 apud Guérin, 2003) afirma que ao mesmo tempo em que a sociedade deve dar o devido valor à liberdade feminina tanto quanto a masculina, ela também deve fazer com que os trabalhos de cuidado com dependentes se tornem um bem público, pois beneficia todos os contribuintes.

A distinção entre trabalho remunerado e não remunerado é colocada, assim, no cerne das formas de exploração características do sistema patriarcal no mundo capitalista. O trabalho que as mulheres fornecem gratuitamente, como aquele que está envolvido na criação dos filhos e no cotidiano das atividades domésticas, libera os homens para que se engajem no trabalho remunerado. São elas *apenas* que fornecem esse tipo de trabalho gratuitamente, e sua *gratuidade* se define numa relação, o casamento. É nele que o trabalho gratuito das mulheres pode ser caracterizado como não produtivo. (BIROLI, 2016, p. 8)

Biroli (2016) ainda observa as diferenças de raça e classe que perpassam pela divisão sexual do trabalho, fazendo com que as mulheres tenham diferentes níveis de sobrecargas com o trabalho doméstico ou no mercado de trabalho quando consideradas a raça e a classe à qual a mulher se encontra. “Se levamos em consideração esses dois fatos conjuntamente, a conexão entre divisão sexual do trabalho não remunerado e do trabalho remunerado organiza as vidas das mulheres, mas o faz de maneiras distintas e as afeta de forma e em graus desiguais.” (BIROLI, 2016, p. 14).

5.4.1 - Economia do cuidado

Outro conceito essencial para a produção da série de reportagens é a economia do cuidado. Esse termo é o que dá nome à produção jornalística, mas ainda é pouco discutido tanto dentro das universidades quanto fora do universo acadêmico. Apresentando esse panorama, é possível dizer que ao longo da história, as mulheres sempre foram condicionadas aos trabalhos domésticos e de reprodução. Por isso, estabelecer a definição desse conceito foi fundamental para o resultado do produto jornalístico.

Ademais, o tempo e esforço desempenhado pelas mulheres na realização desses afazeres do lar e de cuidados com a família, ainda hodiernamente, não são reconhecidos socialmente como um trabalho. Para Silvia Federici (2019), esse não reconhecimento por parte da sociedade do trabalho doméstico é proposital, pois para que a sociedade capitalista se mantenha da maneira como funciona até os dias atuais, é necessário que alguém realize essas atividades dentro de casa, preferencialmente de forma não remunerada.

No entanto, essas atividades recaíram e ainda recaem - de forma desproporcional e má distribuída - em sua imensa maioria às mulheres, principalmente mulheres negras e pobres. Desde pequenas as mulheres são socializadas para cuidar da casa e almejar o casamento e a maternidade, o que acaba por transformar esse trabalho de cuidado em uma ideia de amor, de instinto natural das mulheres, algo que não o é (FEDERICI, 2019).

A diferença em relação ao trabalho doméstico reside no fato de que ele não só tem sido imposto às mulheres como também foi transformado em um atributo natural da psique e da personalidade femininas, uma necessidade interna, uma aspiração, supostamente vinda das profundezas da nossa natureza feminina. O trabalho doméstico foi transformado em um atributo natural em vez de ser reconhecido como trabalho, porque foi destinado a não ser remunerado (FEDERICI, 2019, p. 42 e 43)

Ainda segundo Silvia Federici (2019), o trabalho doméstico, conceituado pela autora como um trabalho oculto, é essencial para a manutenção da economia produtiva – a economia de mercado -, pois possibilita que os homens desempenhem suas funções no mercado de trabalho e ascendam na vida pública sem se preocupar com os afazeres domésticos e tendo quem cuide dos seus filhos, futura mão-de-obra para o mercado de trabalho.

O trabalho doméstico é muito mais do que limpar a casa. É servir aos assalariados física, emocional e sexualmente, preparando-os para o trabalho dia após dia. É cuidar das nossas crianças — os trabalhadores do futuro —, amparando-as desde o nascimento e ao longo da vida escolar, garantindo que o seu desempenho esteja de acordo com o que é esperado pelo capitalismo. Isso significa que, por trás de toda fábrica, de toda escola, de todo escritório, de toda mina, há o trabalho oculto de milhões de mulheres que consomem sua vida e sua força em prol da produção da força de trabalho que move essas fábricas, escolas, escritórios ou minas (FEDERICI, 2019, p. 68)

Entretanto, essa ideia entendida como reprodução social não teve – e ainda não tem visibilidade – dentro do universo acadêmico das pesquisas e dos debates. Bengoa (2018) pontua que os pensadores clássicos da área econômica e da escola sraffiana contribuíram para estabelecer a ideia de reprodução social na economia. No entanto, ainda de acordo com Bengoa (2018), todos esses pensadores observaram somente a reprodução social que acontece na vida mercantil, nas relações de trabalho fora de casa, eles não incluíram o trabalho essencial das mulheres dentro dos lares. “A ocultação do trabalho doméstico e de cuidados despolitizou as tensões que têm lugar fora do mercado. Ao naturalizar a divisão sexual do trabalho, consideraram como único conflito social o que tem lugar nos marcos da reprodução capitalista.” (BENGOA, 2018, p. 39).

Nessa senda, na produção de mais-valia - conceituada por Karl Marx (2017) como o valor excedente obtido com a venda de mercadoria, ou seja, o valor que excede a soma do valor dos meios de produção e da força de trabalho -, é essencial o trabalho doméstico,

desempenhado majoritariamente por mulheres (DALLA COSTA, 1977, p. 39 apud BENGOA, 2018, p. 41).

O valor de que falava Marx não é criado somente no trabalho que diretamente produz mercadorias, mas também no trabalho que produz e reproduz a força de trabalho. Essa última não é criada e nem se desenvolve de forma natural, deve ser produzida e reproduzida como condição básica e necessária para a reprodução do sistema socioeconômico (BENGOA, 2018, p. 41).

Posto isso, esses vários elementos que trazem à tona o trabalho doméstico como fundamental na constituição e manutenção da sociedade capitalista, é preciso repensar o conceito de reprodução social com a inclusão dos serviços domésticos e de cuidados (BENGOA, 2018).

Atualmente, a ideia mais ampla que se utiliza entenderia a reprodução social como um complexo processo de tarefas, trabalhos e energias cujo objetivo seria a reprodução biológica (considerando as distintas espécies e sua estrutura ecológica) e a da força de trabalho. Incluiria também as práticas sociais e os trabalhos de cuidados, a socialização e a satisfação das necessidades humanas, os processos de relações sociais que têm a ver com a manutenção das comunidades, considerando serviços públicos de saúde, educação e transferências que reduzissem o risco de vida. (BENGOA, 2018, p. 45-46)

Para Picchio (2018), é essencial também a especificação da relação entre produção e reprodução, não somente o cálculo da jornada de trabalho realizada pelas mulheres com a soma do trabalho doméstico e o trabalho remunerado.

Enquanto os salários são considerados custos de produção, o trabalho doméstico não pago é uma dedução dos custos. É desnecessário dizer que o trabalho doméstico possui seus próprios custos (tal como a sobrevivência da trabalhadora doméstica), mas essa relação é feita de forma a garantir um elevado excedente. Essa relação não é óbvia diretamente, pois o trabalho não é vendido por capitalistas: o excedente é apropriado pelos capitalistas não pela venda do trabalho, mas por sua compra (PICCHIO, 2018, p. 73).

No sentido dos estudos econômicos que tratam da temática do trabalho doméstico como essencial para o desenvolvimento econômico da sociedade capitalista, Teixeira (2018) pontua a falta de estudos econômicos com o enfoque na questão da divisão sexual do trabalho, e que, a partir do olhar crítico aos pensamentos conservadores impregnados nas ciências econômicas, pode se abordar novas perspectivas nos processos econômicos que considerem como agentes nesse processo homens e mulheres, como a economia feminista. “Embora a análise feminista venha penetrando no campo da economia, esta continua sendo a ciência social menos permeável aos desafios propostos pelo feminismo.” (TEIXEIRA, 2018, p. 144)

Entende-se por economia feminista aquela que:

se propõe a uma revisão da epistemologia predominante nas ciências econômicas ao questionar a divisão sujeito/objeto, a identidade do sujeito que produz conhecimento

e que é tratado como um ser abstrato, dotado de razão e acima dos interesses de gênero, e o critério da objetividade como legitimador do conhecimento. (TEXEIRA, 2018, p. 156)

A economia feminista é proposta, então, para “repensar o pensamento econômico com o objetivo de melhorar as condições econômicas das mulheres, a teoria econômica e as políticas em que ela está fundamentada” (TEXEIRA, 2018, p. 159). A ideia que essa vertente da economia apresenta é que as ideias das políticas econômicas são fruto de uma sociedade que ficou no passado, e do sexismo presente na época em que foram desenvolvidas, por isso a necessidade de repensar esses processos com a inclusão do trabalho oculto das mulheres (TEXEIRA, 2018, p. 159-160).

6. ETAPAS DE PRODUÇÃO

A realização desta pesquisa se deu em três grandes etapas: o estabelecimento da pauta e a pré-produção, a produção e a pós-produção.

6.1 Pauta e pré-produção

Antes de escolher jornalismo como a graduação em que queria me formar, fiz quatro semestres de ciências sociais também na Universidade de Brasília. Essa passagem de dois anos pelas áreas dos estudos sociais me fez ficar mais próxima de uma temática que sempre tive interesse: os estudos de gênero. Ser mulher, não somente no Brasil, mas no mundo todo é sempre estar envolvida com pautas políticas - mesmo que de forma inconsciente -, pois até nossos corpos são constantemente politizados.

Ter essa relação mais próxima com os estudos de gênero me fez decidir logo no meu primeiro semestre como universitária que o tema da minha pesquisa de conclusão de curso seria relacionado à temática, tanto pela sua complexidade e diversidade, pois, considerando aspectos interseccionais, o gênero não está restrito ao sexo biológico, quanto pelos outros fatores sociais que interferem no modo como diferentes mulheres são tratadas em nossa sociedade considerando, por exemplo, questões de classe, raça e as diferenças de tratamento que a sociedade dá em relação a mulheres cisgênero e transgênero, além de outras nuances. Abordar as questões de gênero sem levar em consideração todos esses fatores é tratar o tema de forma reducionista e até simplista dada a complexidade desses assuntos.

No entanto, no meio do caminho, interrompi a graduação em ciências sociais para realizar um sonho de cursar outra graduação e que me possibilitaria fazer a ponte entre o mundo acadêmico e a comunidade em geral: o jornalismo. Encantada pela função social do jornalista de mediar, muitas vezes, assuntos complexos para que sejam entendidos pelo público em geral e ainda interessada no que aprendi nos dois anos cursados em ciências sociais, uni as duas áreas e defini o tema do meu projeto experimental em jornalismo: a economia do cuidado e a sobrecarga de trabalho das mulheres brasileiras.

A definição da pauta foi feita antes mesmo de pegar a disciplina de projeto experimental em jornalismo. A ideia da produção das reportagens se deu na procura de pautas para a disciplina de Jornalismo em Rádio 2, ministrada pelo meu orientador, Carlos Eduardo Esch. Fiz essa matéria durante a pandemia ocasionada pela covid-19, e durante esse período de crise sanitária, alguns veículos de comunicação passaram a falar sobre pesquisas e estudos

que evidenciavam a sobrecarga de trabalho doméstico e de cuidado com familiares que as mulheres estavam tendo durante a pandemia de coronavírus.

Não obstante, algo me incomodava na abordagem das matérias feitas pelos jornais, que não tratavam o tema com a devida complexidade que é de sua própria natureza. As reportagens, em sua imensa maioria, davam a entender que o problema da sobrecarga de trabalho das mulheres brasileiras era devido à pandemia, e que, com o passar da crise sanitária, esse problema se resolveria. Um tema tão complexo e de uma diversidade imensa estava sendo reduzido a um problema pontual.

Posto isso, decidi pesquisar mais sobre o tema e conheci a área de estudos compreendida pela economia do cuidado. Após a inserção nesses estudos, compreendi que esse tema é de extrema relevância, mas ainda pouco discutido em nossa sociedade, muitas pessoas não têm noção sobre do que se trata o assunto. Essas atividades de cuidado com a casa e com os filhos é naturalizado como se fosse obrigação somente das mulheres com a narrativa de que “as coisas são assim porque sempre foram assim, é algo da natureza feminina”.

Um assunto discutido, ainda de forma restrita, entre os muros acadêmicos, que tem reflexos na nossa sociedade desde quando nos entendemos como seres humanos, deve ser de conhecimento de todos. Desse modo, optei pela escolha do tema para exercer a função social do jornalista, mediar o conhecimento acadêmico para a sociedade, torná-lo mais compreensível e evidenciá-lo de maneira prática por meio de relatos de mulheres que passam por essas situações de sobrecarga.

A princípio, as reportagens seriam focadas nos relatos das mulheres que se veem sobrecarregadas com as demandas dentro e fora de casa. No entanto, nas primeiras conversas com meu orientador, decidimos que conversar com mais especialistas sobre o tema e colocar os relatos como exemplos das situações descritas pelas pesquisadoras sustentaria melhor a narrativa da série de reportagens e ficaria mais explícita a condição social que envolve a economia do cuidado.

A escolha da linguagem radiofônica para tornar a série de reportagens uma realidade foi justamente pela linguagem simples e objetiva do meio, o que possibilita o entendimento do assunto por mais pessoas, pela diversidade do público em questão que poderia ouvi-la. A princípio ficou estabelecido a realização de quatro episódios.

Durante a disciplina de pré-TCC pude me aprofundar mais nas pesquisas bibliográficas, que se mostraram de fundamental importância para a estruturação e argumentação desta pesquisa. Também durante a produção do pré-TCC pude ter mais contato com produções radiofônicas e reportagens que tratavam sobre o tema para entender o que poderia ser e como seria abordado, e o que faltava ser colocado em pauta.

Após a estruturação da pauta, definição dos objetivos das reportagens com o meu orientador e definição de perguntas a serem feitas para as personagens e especialistas, parti para a procura de personagens e especialistas sobre o assunto. Procurei estabelecer um perfil variado de mulheres para atingir o objetivo de dar visibilidade a diferentes relatos que tivessem pontos em comum, mas que se diferenciavam de alguma forma um do outro. Além disso, os episódios também contam com explicações de sociólogas, economistas, assistentes sociais e psicólogas sobre a situação das mulheres na sociedade brasileira em relação a esse trabalho oculto, que é o de cuidar. A preocupação também foi por optar por entrevistar mulheres que estudam a temática para dar mais visibilidade ao trabalho de pesquisadoras, que além da base acadêmica, em algum nível, também carregam a experiência social do assunto.

6.2 Produção

Por conta da pandemia de covid-19, todas as entrevistas foram realizadas de forma remota, seja por meio de plataformas de chamada de vídeo, como o Zoom e o Google Meet, ou por telefone. Se por um lado houve a limitação de entrevistas presenciais para evitar o contágio da doença - que quando foram iniciadas as entrevistas, no final de janeiro de 2022, houve um outro pico da transmissão de covid-19 em todo o país -, a possibilidade de realizá-las de forma remota possibilitou a entrevista de mulheres e especialistas de norte a sul do país, possibilitando diversidade em relatos, estudos, perspectivas e sotaques.

Quando as entrevistas eram realizadas por meio de chamada de vídeo, as plataformas utilizadas permitiam a gravação das conversas, geralmente limitadas ao tempo de uma hora de gravação, o que não foi um problema, pois a média de duração das entrevistas eram de 40 minutos. Já nas entrevistas realizadas por chamada telefônica, foi utilizado meu próprio aparelho celular que já tem a função de gravação de chamadas telefônicas.

Os materiais gravados foram armazenados em meu computador pessoal e também com cópia no Google Drive para eventuais imprevistos que pudesse ter. A partir disso, todo material referente à produção desta pesquisa era salvo nessa pasta no Google Drive como uma forma de *backup*.

Todas as entrevistas foram feitas entre o final de janeiro e metade de fevereiro de 2022. Durante o processo de apuração, percebi que dois episódios da série tratavam de assuntos indissociáveis, o aspecto social e econômico que envolve a economia do cuidado. Por esse motivo, em conversa com o orientador, decidimos reduzir a série de quatro para três episódios.

Outro processo que ajudou nesta definição de roteiros foi a decupagem do material gravado. A decupagem dos áudios foi feita logo após a gravação do material, o que ajudou na economia de tempo para a parte de elaboração dos roteiros e sua estruturação.

Finalizada a etapa das entrevistas, meu orientador e eu reavaliamos a pauta com base na apuração realizada e reestruturamos os episódios conforme o que havia sido apurado e quais assuntos poderiam ser tratados em cada um dos episódios. A reestruturação dos objetivos de cada reportagem foi fundamental para criar mais dinâmica entre os assuntos tratados na série.

Roteiros

Como já havia decupado o material das gravações ainda no processo de apuração, a parte de elaboração dos roteiros ficou menos trabalhosa, pois já tinha ideia de quais trechos das entrevistas realizadas fariam mais sentido na estruturação das reportagens. Desse modo, sabia exatamente quais trechos de cada personagem e especialista utilizaria nas matérias, o que facilitou também a escrita das locuções.

A primeira versão dos roteiros foi entregue no início de março, e ficou estabelecido que a série seria composta por três episódios com duração que poderia variar entre 13 e 15 minutos. Também nesta fase, iniciei o processo de edição das sonoras das personagens e especialistas.

Durante esse processo também foram definidas as sonorizações, que pela dica do orientador, por se tratar de um tema complexo e de uma carga de informação um tanto densa, foram escolhidas músicas instrumentais para compor os episódios.

Após a primeira avaliação dos roteiros por parte do orientador, alguns ajustes foram realizados e a diminuição das sonoras também foi feita, pois os trechos ainda estavam muito grandes para uma reportagem de áudio, o que poderia ser cansativo aos ouvintes. O nome final da série ficou estabelecido como “Quem cuida de quem cuida?”.

6.3 Pós-produção

Após uma segunda avaliação dos roteiros, na última semana de março, o orientador liberou para iniciar a gravação das locuções. Como as sonoras das personagens e especialistas já haviam sido editadas, nesta etapa, apenas fiz uma reedição das sonoras adequando a um tempo confortável para a duração dos episódios, evitando sonoras muito longas.

Locuções

Em conversa com o orientador, definimos que a série deveria ter mais de uma voz na locução. Por esse motivo, fiz o convite para a minha amiga e parceira de graduação Wanessa Alves, que durante o curso realizou as disciplinas de Jornalismo em Rádio 1 e 2, e também possui experiência com locução por estagiar na Rádio Senado. Dessa maneira, Wanessa e eu dividimos as locuções dos três episódios.

Nessa senda, pensando em diferenciar também o começo dos episódios, estendi o convite para outra amiga e parceira da graduação Ana Clara Cabeceira, que também já havia realizado as disciplinas de rádio com o professor Carlos Eduardo. Portanto, as cabeças dos episódios foram feitas com as locuções da Ana Clara.

As gravações das locuções foram feitas de forma separada, cada uma em sua casa e com seus respectivos aparelhos celulares. Devido ao prazo um pouco mais curto por conta do semestre reduzido na UnB, tivemos um fim de semana para realizar as gravações. O próximo passo foi a edição das locuções, que foi feita em um dia.

Edição e montagem

Como muitos dos processos de edição de sonoras e locuções foram feitos em conjunto com outras etapas, a parte de edição e montagem dos episódios foi realizada de forma mais tranquila. Quando cheguei nesta etapa, também já havia selecionado previamente as sonorizações que iam compor os episódios. Então, nesse momento, ficou como responsabilidade definir entre as sonorizações previamente escolhidas quais iriam compor cada episódio e inseri-las também nos roteiros para a identificação gráfica da matéria.

A montagem dos episódios foi feita ao longo de uma semana, pois tinha que conciliar as demandas do TCC com o estágio não-obrigatório que voltou a ser presencial. Por esse motivo, conseguia dedicar um pouco menos de tempo por dia para a atividade acadêmica, mas isso não foi um empecilho para o desempenho do trabalho. O programa de edição utilizado para a montagem e edição foi o Sony Vegas, programa que veio de fábrica com o meu

computador, não necessitando a compra do produto. Apesar das limitações de algumas funcionalidades, não foi preciso realizar compras de programas de edição, a versão gratuita foi suficiente para a realização da edição e montagem do produto.

A primeira versão das reportagens foi entregue ao orientador na segunda semana de abril. As próximas etapas foram para ajustes técnicos e sonoros conforme as observações do orientador e auxílio dos técnicos de áudio da Faculdade de Comunicação (FAC) da UnB.

O produto final foi entregue no dia 30 de abril de 2022, com antecedência de 10 dias para apresentação da banca, realizada no dia 11 de maio de 2022. Em sua versão final, a série ficou composta por três episódios com duração entre 15 e 19 minutos cada. Após a finalização, as reportagens e uma cópia desta memória foram disponibilizadas aos membros da banca em uma pasta no Google Drive, pelo link <https://bit.ly/3knf4ri>.

6.4 Descrição dos episódios

Episódio 1

O primeiro episódio trata do contexto social e econômico que envolve a condição de sobrecarga de trabalho das mulheres brasileiras com as atividades de cuidado com o lar e com a família. São abordados aspectos sociológicos que criam essa condição de suposta obrigatoriedade de a mulher ser a única responsável por esse trabalho oculto de cuidar. Além disso, trata de como esses aspectos sociológicos são incorporados na economia e como essa área se favorece dessa condição imposta às mulheres desde a infância. Neste primeiro episódio também há relatos de duas mulheres que ilustram a situação de sobrecarga de trabalho de cuidados e a conciliação com outros serviços.

Episódio 2

No segundo episódio, o objetivo é abordar as consequências na saúde mental das mulheres dessa sobrecarga de trabalho doméstico e de cuidado, muitas vezes tendo que ser conciliada com trabalho formal ou informal fora de casa. Ademais, o episódio também trata de como uma rede de apoio familiar e do Estado é importante para a atenuação desse cenário de excesso de trabalho não remunerado desempenhados pelas mulheres brasileiras. Neste episódio também há o relato de duas mulheres que sentem falta de uma rede de apoio para conseguir dar conta de tantas demandas que têm que realizar todos os dias.

Episódio 3

No terceiro e último episódio, o foco é sobre como podemos mudar esse cenário, se há alternativas que atenuem esse cenário de sobrecarga das mulheres, e o que pode ser feito a curto, médio e longo prazo. Além disso, o episódio também trata da questão de como a economia do cuidado também interfere na representação de mulheres na política e, conseqüentemente, a falta de políticas públicas que priorizem a área do cuidado, tão ligada à reprodução da sociedade e, portanto, dos trabalhadores, de mão-de-obra para o mercado de trabalho.

7. CRONOGRAMA

Atividade	Período
Pesquisa bibliográfica	Outubro/2021 - Novembro/2021
Definição da metodologia e elaboração de perguntas-chave	Janeiro/2022
Busca por personagens	Novembro/2021 - Janeiro/2022
Entrevistas	Janeiro/2022 - Fevereiro/2022
Elaboração do roteiro dos episódios	Fevereiro/2022 - Março/2022
Gravação, edição e montagem dos episódios	Março/2022
Revisão e finalização	Abril/2022
Redação do relatório de pesquisa	Outubro/2021 - Abril/2022
Apresentação à Banca	Maior/2022

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

8.1 Da produção e do produto

Apesar de todo processo de realização da série de reportagens ser trabalhoso e, por muitas vezes, cheio de obstáculos e empecilhos, realizar este trabalho foi prazeroso, não somente pelo conhecimento adquirido ao longo da realização do produto que esta produção proporcionou, mas como descobertas pessoais e de entendimento da sociedade.

Quando pensei sobre o tema pela primeira vez tive a preocupação com sua originalidade, o que o produto desencadeado por este trabalho teria de diferente das tantas outras reportagens sobre o assunto? Logo percebi a diferença, a bagagem adquirida nas ciências sociais me permitia identificar algumas falhas nas reportagens veiculadas sobre a economia do cuidado e a sobrecarga de trabalho das mulheres brasileiras, que veio a ser pelo menos, minimamente, evidenciado durante a pandemia de covid-19.

Tratar o tema como se fosse um problema pontual, e como se não variasse de intensidade considerando as características específicas de cada mulher, como se ela é pobre ou não, se é branca ou negra, são questões que não podem ser desconsideradas quando falamos e abordamos essas sobrecargas, e todas as reportagens que vi sobre a temática não tratavam dessas questões, muito menos abordavam essa sobrecarga de trabalho das mulheres como um problema estrutural da nossa sociedade, um problema cultural.

Devido a esse incômodo com as reportagens veiculadas no auge da pandemia de coronavírus, resolvi transformar o incômodo neste projeto experimental, que mostra as várias nuances por trás da economia do cuidado e a sobrecarga desse trabalho oculto de cuidar da casa e da família, majoritariamente, desempenhado por mulheres.

No entanto, este trabalho tem suas limitações, pois trata de um panorama sobre a situação da economia do cuidado no Brasil e os relatos de algumas mulheres que se disponibilizaram a compartilhar suas experiências com a reportagem. Como expressado anteriormente, cada mulher tem suas particularidades de como se vê e como é vista no contexto social, e essas relações dependem de outras interações sociais permeadas de vários outros processos de construções sociais, preconceitos e discriminações. Mas, não por isso, a série de reportagens deixa de tratar da complexidade do tema, evidenciando boa parte da heterogeneidade do assunto.

A linguagem do rádio me ajudou na questão da acessibilidade do conteúdo, por permitir que grande parte da sociedade possa ter acesso a esta série, por poder contar e ceder espaço para que outras pessoas contem suas próprias histórias e expliquem suas pesquisas e estudos sobre a economia do cuidado, assunto essencial para a sobrevivência de todos nós, mas tão desvalorizado e pouco debatido em nossa sociedade.

Ademais, me aprofundar sobre o assunto me trouxe ganhos pessoais também, como entender a minha posição quanto mulher cisgênero, branca e de classe média na sociedade brasileira, que apesar de várias opressões explícitas e implícitas por qual temos que passar diariamente, muitas vezes não reconhecemos os privilégios em relação às questões de classe e raça que temos em uma sociedade marcada pela criminalização da pobreza e o racismo estrutural.

8.2 O ser jornalista e o jornalismo

Nesta produção jornalística pude juntar duas áreas que gosto bastante, os estudos de gênero e o jornalismo. Pude exercer, neste trabalho, as várias funcionalidades que o jornalista exerce nas redações no mercado de trabalho, desde o processo de produção da pauta até a finalização e edição da reportagem. Além do processo da prática jornalística, pude desempenhar uma das funções mais importantes do jornalismo, o seu fundamento, de mediar assuntos complexos e levá-los de forma mais compreensível à população para que o assunto chegue aos ouvidos de todas as pessoas não importando a sua classe social e grau de escolaridade.

Reconhecer e reafirmar a importância do jornalismo e dos jornalistas em um período de ataques constantes à democracia é fundamental. Essa defesa se torna ainda mais essencial quando nos deparamos também com uma época em que as *fake news* circulam de forma mais rápida e um alcance maior devido às redes sociais e à internet.

8.3 Encerramento de ciclo

Este produto é a síntese de tudo que aprendi nos seis anos inserida no mundo acadêmico da Universidade de Brasília, que me proporcionou conhecimentos não só para a vida profissional, mas também para a vida como um todo. Finalizo esta etapa orgulhosa de não ter desistido do sonho de ser jornalista e de acreditar que é possível transformar aos poucos a sociedade por meio da informação e da educação, foi por esse motivo que escolhi ser jornalista.

Essa produção jornalística também marca o encerramento de um ciclo, que, para mim, começou em 2016, ainda no curso de ciências sociais na Universidade de Brasília. Ao mesmo tempo que é o término de uma fase da vida, é início de outra etapa em que os aprendizados adquiridos dentro da universidade vão ser de extrema importância. Caminhar sozinha depois de anos dentro da universidade dá um frio na barriga e um certo receio, mas creio que toda essa caminhada na UnB me preparou muito bem para a vida lá fora.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Laís. Desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro. **Ciência e cultura**, v. 58, n. 4, p. 40-41, 2006. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252006000400020&script=sci_arttext. Acesso em: 23 mar. 2022.
- BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. In: MEDITSH, Eduardo (org.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, 2005.
- BEARZOTI, Paulo. Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, [S.L.], v. 52, n. 1, p. 113-117, mar. 1994. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0004-282x1994000100024>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anp/a/W59S8nqc5BgP3ZYwgdqgdkF/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 22 mar. 2022.
- BENGOA, Cristina Carrasco. A economia feminista: um panorama sobre o conceito de reprodução. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 26, n. 52, p. 31-68, 2018. DOI: 10.20396/tematicas.v26i52.11703. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/11703>. Acesso em: 18 mar. 2022.
- BIROLI, Flávia. Divisão Sexual do Trabalho e Democracia. **Dados**, [S.L.], v. 59, n. 3, p. 719-754, set. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/00115258201690>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/kw4kSNvYvMYL6fGJ8KkLcQs/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 18 mar. 2022.
- CÉSAR, Cyro. **Como falar no rádio: prática de locução AM e FM**. 11. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2009. 296 p.
- CÉSAR, Cyro. **Rádio: a mídia da emoção**. 2. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2005. 232 p.
- CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. Cortez Editora, 2015.
- COMUNICAÇÕES, Ministério das. **Rádio no Brasil: há mais de 100 anos criando e contando histórias**. há mais de 100 anos criando e contando histórias. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/setembro/radio-no-brasil-ha-mais-de-100-anos-criando-e-contando-historias>. Acesso em: 22 mar. 2022.
- FARO, José Salvador. Reportagem: na fronteira do tempo e da cultura. **Verso e Reverso**, [S.L.], v. 27, n. 65, p. 77-83, 23 jul. 2013. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. <http://dx.doi.org/10.4013/ver.2013.27.65.02>. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2013.27.65.02/2329>. Acesso em: 23 mar. 2022.
- FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Editora Elefante, 2019. 388 p. Tradução de: Coletivo Sycorax.

FERRARETTO, L. A. **Possibilidades de convergência tecnológica:** pistas para a compreensão do rádio e das formas do seu uso no século 21. In: INTERCOM - SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. XXX Congresso Brasileiro de Comunicação. Santos, 1º set. 2007. 15f. Disponível em: https://www.ufrgs.br/estudioderadio/wp-admin/textos/convergencia_tecnologica_ferrareto.pdf. Acesso em: 22 mar. 2022.

GUÉRIN, Isabelle. Sociologia econômica e relações de gênero. **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as Políticas Públicas**, p. 71-88, 2003. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05634.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2022.

GONZALEZ, Lélia. Mulher Negra. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (org.). **Por um feminismo afro-latino-americano:** ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. Cap. 6. p. 84-100.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político-econômica. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (org.). **Por um feminismo afro-latino-americano:** ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. Cap. 3. p. 43-57.

HIRATA, Helena. Globalização e divisão sexual do trabalho. **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as Políticas Públicas**, p. 15-30, 2003. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05634.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2022.

HOOKS, Bell. Raça e Gênero. In: HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo:** políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. Cap. 10. p. 52-54. Tradução de: Ana Luiza Libânio.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as Políticas Públicas**, p. 55-63, 2003. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05634.pdf#page=55>. Acesso em: 18 mar. 2022.

LAGE, Nilson. **A reportagem:** teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 190 p.

LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia.** Florianópolis: Insular, 2012. 152 p.

MARTINS, Eduardo (org.). **Manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo.** 3ª edição. São Paulo, Moderna, 1997. 400 p.

MARX, Karl. Processo de Trabalho e Processo de Produção de Mais valia. In: MARX, Karl. **O capital:** livro III. São Paulo: Boitempo, 2017. Cap. 7. p. 183-187. Tradução de: Rubens Enderle.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio:** um guia abrangente de produção radiofônica. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2001. 248 p.

MEDIA, Kantar Ibope. **Estudo da Kantar IBOPE Media indica que consumo de rádio aumentou e alcança 80% dos brasileiros.** 2021. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/estudo-da-kantar-ibope-media-indica-que-consumo-de-radio-aumentou-e-alcanca-80-dos-brasileiros/>. Acesso em: 22 mar. 2022.

NEUBERGER, Rachel Severo Alves. **O rádio na era da convergência de mídias**. Cruz das Almas: Editora UFRB, 2012. 164 p.

PICCHIO, Antonella. Trabalho feminino no cerne do mercado de trabalho. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 26, n. 52, p. 69–104, 2018. DOI: 10.20396/tematicas.v26i52.11704. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/11704>. Acesso em: 18 mar. 2022.

SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. Mulheres, mães, desempregadas. **Trabalho e Cidadania Ativa para as Mulheres**, p. 31-52, 2003. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05634.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2022.

SEIXAS, Lia. Redefinindo os gêneros jornalísticos: proposta de novos critérios de classificação. **Redefinindo os gêneros jornalísticos: proposta de novos critérios de classificação**, p. 1-463, 2009. Disponível em: https://labcom.ubi.pt/ficheiros/20110818-seixas_classificacao_2009.pdf. Acesso em: 22 mar. 2022.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986, p. 9.

TEIXEIRA, Marilane Oliveira. A economia feminista e a crítica ao paradigma econômico predominante. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 26, n. 52, p. 135–166, 2018. DOI: 10.20396/tematicas.v26i52.11706. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/11706>. Acesso em: 18 mar. 2022.

TELEVISÃO, Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e. **História do Rádio no Brasil**. Disponível em: <https://www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/23526-historia-do-radio-no-brasil#:~:text=O%20r%C3%A1dio%20nasceu%20no%20Brasil,na%20inaugura%C3%A7%C3%A3o%20da%20radiotelefonia%20brasileira..> Acesso em: 22 mar. 2022.

10. APÊNDICE

10.1 Pautas

Pauta inicial

Pauta: Quem cuida de quem cuida? A intensificação da sobrecarga das mulheres no contexto social pandêmico brasileiro

A reportagem pretende abordar temas relacionados tanto a saúde física e mental de mulheres relacionados ao processo de intensificação da sobrecarga no cenário de pandemia no Brasil quanto as questões sociais que moldam esse cenário. Além disso, abordar também o contexto brasileiro de dupla jornada de trabalho das mulheres antes da pandemia de covid-19. A matéria visa buscar entendimento sobre o contexto social brasileiro para mulheres antes da pandemia, entender o porquê a elas é designado o dever de cuidar da casa e da família e o quanto isso vem mudando em vários lares.

No entanto, o foco principal da reportagem é tratar sobre o motivo e as consequências das mulheres se sentirem ainda mais sobrecarregadas nesse momento de pandemia. A proposta da matéria é ouvir especialistas, como sociólogos, psicólogos, antropólogos, cientistas sociais, cientistas políticos, psiquiatras, assistentes sociais, economistas, e mulheres que se sentiram ainda mais sobrecarregadas com atividades domésticas, trabalho fora de casa e de cuidados com os outros, além do cenário de desemprego que muitas passaram em algum momento da pandemia.

Foi no cenário de pandemia de coronavírus que a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios Contínua (Pnad-Contínua), feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontou, que no primeiro trimestre de 2021, 17,9% das brasileiras ficaram desempregadas. Foi a maior taxa de desemprego entre as mulheres brasileiras da série histórica do levantamento, que foi realizado pela primeira vez em 2012. Já entre os homens essa taxa ficou em 12,2%.

O contexto brasileiro antes da pandemia, ainda segundo dados do IBGE, aponta que 12 milhões de mulheres no Brasil educam os filhos sozinhas. Dessas brasileiras, aproximadamente 64% vivem abaixo da linha da pobreza. O fator monoparentalidade feminina é comum em território brasileiro, 40% das mulheres, em 2015, eram chefes de família, de acordo com estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

Em 2019, ainda de acordo com o IBGE, uma pesquisa evidenciou que as mulheres brasileiras dedicaram, em média, 10,4 horas semanais a mais em atividades domésticas e de cuidado do que os homens. Apesar do cenário estar mudando aos poucos, ainda há a desigualdade na divisão de tarefas nos lares brasileiros, onde grande parte da responsabilidade por essas atividades cotidianas são exercidas por mulheres.

Outras pesquisas já apontam a sobrecarga enfrentada pelas brasileiras no período de crise sanitária pela qual estamos passando. Um levantamento feito pela organização não-governamental Sempre Viva Organização Feminista (SOF) e a empresa social Gênero e Número evidenciou que 50% das mulheres brasileiras passaram a cuidar de alguém durante a pandemia. Ademais, 41% disseram estar trabalhando mais durante esse período.

Os deveres como cuidar da casa e da família designados às mulheres não é só um cenário encontrado no Brasil, mas em vários outros países. No entanto, o foco da reportagem é o contexto brasileiro. O material pretende abordar temas que vão desde o contexto social pré-pandêmico, como a economia do cuidado, até o que a pandemia impactou na vida dessas mulheres tanto na saúde física como mental. Ademais, a reportagem também vai ouvir especialistas para entender como esse problema que está enraizado na sociedade pode mudar aos poucos e quais são as perspectivas e possibilidades para que isso aconteça a longo prazo.

Divisões por temas a serem abordados

1. Contexto social pré-pandemia (trabalho invisível):

Às mulheres sempre foi designado o papel de cuidar da casa e da família, mas qual o motivo disso? Qual o contexto dessa designação? Antes da pandemia, em 2018, cerca de 45% dos lares brasileiros eram chefiados por mulheres, segundo dados do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea). Esse fato ocorre devido ao crescimento da participação feminina no mercado de trabalho.

Em contrapartida, as tarefas domésticas e de cuidados com os filhos continuam sendo atividades feitas predominantemente por mulheres no Brasil. A desigualdade na divisão de tarefas no ambiente doméstico é evidenciada em pesquisa realizada pelo IBGE, em 2019, quando as brasileiras gastaram em média 10,4 horas a mais nesses afazeres do que os homens.

Posto isso, é possível visualizar que as mulheres exercem uma dupla jornada de trabalho, um remunerado – o emprego fora de casa -, e outro invisibilizado, o cuidado com o lar e a família.

Além disso, soma-se o fato de que algumas mulheres criam seus filhos sozinhas. Em 2019, cerca de 5,9% das crianças nascidas no ano não tinham o nome do pai na certidão de nascimento, de acordo com dados da Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen-Brasil).

A ideia neste episódio é falar sobre o contexto social em que o país estava antes da pandemia no cenário para mulheres brasileiras e também abordar um pouco da história do porquê mulheres e homens tem papéis bem definidos na sociedade. Isso vem mudando? O episódio focaria mais em dados e entrevistas com especialistas para entender o contexto social e histórico dessa imposição de atividades às brasileiras.

Possíveis fontes: sociólogos, antropólogos, cientistas sociais e políticos, historiadores (?), coletivos de mulheres e também alguma mulher que assumiu a reponsabilidade por uma família ou cria o filho sozinha.

2. Economia do cuidado:

Todos nós precisamos de cuidados. Para desempenhar nossas funções fora de casa, para outros serviços, precisamos, em primeiro lugar, cuidar da nossa saúde física e mental. O tempo gasto com atividades de cuidado, como limpar a casa, lavar roupa, cuidar dos filhos, comprar e fazer comida, prevenir doenças, ter uma boa alimentação e manter a higiene é de extrema importância para o nosso cotidiano.

Se conseguimos chegar à vida adulta é porque alguém desempenhou esse trabalho de cuidado conosco. A economia do cuidado é essencial para a humanidade, mas ela nem sempre teve a visibilidade que tem agora na pandemia. Esse papel de cuidados, predominantemente feito por mulheres, muitas vezes não é remunerado, e quando o é, o profissional é mal remunerado.

Em um estudo feito pelo coletivo Think Olga, com dados do IBGE, mostrou que esse trabalho de cuidado desempenhado pelas mulheres equivale a 11% do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil. É mais do que qualquer indústria e o dobro do que o setor agropecuário produz.

Ainda de acordo com esse estudo, o trabalho de cuidado não remunerado de mulheres do mundo todo equivale a 10,8 trilhões de dólares ficando atrás apenas do PIB de potências econômicas como China, Estados Unidos, União Europeia e Índia.

Neste episódio, a intenção é abordar o conceito de Economia do Cuidado. O que ele é? Também ouvir relatos de mulheres que desempenham este papel, entrevistar especialistas que possam falar da dinâmica desse sistema e como ele é essencial para que a sociedade que conhecemos se mantenha de pé. Ainda abordará, de forma superficial – a ser aprofundada no próximo episódio - o quanto as mulheres se sentem sobrecarregadas por essas atividades recaírem somente sobre elas. Abordar também a intensificação dessas atividades no período da pandemia.

Possíveis fontes: economistas, sociólogos, cientistas sociais, mulheres que desempenham esse papel sem remuneração e empregadas domésticas (?).

3. Sobrecarga na pandemia e os reflexos disso na saúde mental e física das mulheres:

A pandemia de Covid-19 intensificou ainda mais as atividades de cuidados com a família e tarefas domésticas. A crise sanitária fez com que rotinas mudassem e a preocupação com a saúde coletiva aumentassem. No ambiente familiar não foi diferente, muitos cuidados tiveram que ser adotados por todos os membros da família.

No entanto, como explicitado anteriormente, o cuidado com a casa e com os familiares geralmente é um dever associado às mulheres. Por conta disso, e com a pandemia, muitas brasileiras viram essas atividades de cuidado se intensificarem ainda mais, com o bônus de que por um tempo, as atividades de ensino dos filhos ou crianças residentes na mesma moradia, foram delegadas a elas.

A ideia desse episódio é focar em relatos de mulheres que passaram/passam por uma intensificação da sobrecarga dessas atividades no período de pandemia, escutar o que foi/é esse momento para elas. Além de depoimento de mulheres, o episódio também conteria informações de psicólogos, psiquiatras e assistentes sociais sobre esse período de crise sanitária e como isso vem impactando a saúde mental das mulheres brasileiras devido ao aumento do trabalho destinado a elas.

Possíveis fonte: mulheres em situação de vulnerabilidade, mulheres que se sentiram sobrecarregadas com atividades de cuidado na pandemia, psicólogos, psiquiatras e assistentes sociais.

4. Perspectivas e possibilidades:

A intenção nesse episódio é falar sobre quais são as perspectivas para as próximas gerações. Abordar assuntos que envolvam políticas públicas que podem ser implementadas ou que já foram postas em práticas para a mudança desse cenário de sobrecarga das mulheres. Mudanças efetivas já estão sendo sentidas? Como a educação pode ser um meio fundamental de mudança? É um problema estrutural que há solução? Sem dúvida a pandemia trouxe mais visibilidade para o trabalho de cuidado, mas será que isso é o suficiente para gerar mudanças?

O coletivo Think Olga elaborou um relatório interessante com alguns pontos que podem ser discutidos sobre como mudar o cenário de sobrecarga das mulheres com a dupla jornada de trabalho. O coletivo aponta para a intersecção de quatro eixos que devem ser repensados e discutidos: questões de gênero e raça, educação e economia.

Possíveis fontes: ONGs, cientistas políticos, sociólogos, cientistas sociais

Perguntas

1. Contexto social pré-pandemia (trabalho invisível):

- Por que tarefas domésticas e de cuidados com a família é tido como um papel das mulheres?
- Teve um contexto em que isso começou?
- Há sociedades que tem uma estrutura diferente na divisão do trabalho doméstico?
- Em que cenário as mulheres brasileiras se encontravam antes da pandemia na questão de dupla jornada de trabalho?
- Algo vinha mudando nos lares brasileiros em relação à divisão do trabalho dentro de casa?
- Qual o conceito de monoparentalidade? E por que a cada ano vem crescendo o número de mulheres chefes de família?
- Por que há ainda a cultura do trabalho doméstico ser exclusivamente designado às mulheres?
- Como a política pode interferir nesse pensamento social?
- Algo vem mudando nesse sentido? Há dados que evidenciam isso?

- Como a mulher é vista na sociedade brasileira?

2. Economia do cuidado:

- O que é a Economia do Cuidado?
- Como ele se aplica no nosso cotidiano?
- Qual o impacto da economia do cuidado na sociedade?
- Por que o trabalho dentro de casa, não remunerado, não é considerado um trabalho?
Por que ele é invisibilizado?
- Por que, quando remunerado, o trabalho de cuidado é mal remunerado no Brasil?
(Contexto socioeconômico brasileiro)
- Como isso afeta a renda das mulheres?
- Isso afeta no trabalho remunerado fora de casa?
- Por desempenhar, predominantemente esses papéis, as mulheres são prejudicadas pela economia do cuidado no mercado de trabalho?
- Isso poderia ““explicar”” o motivo pelo qual empregadores remuneram de maneira desigual as mulheres que desempenham as mesmas funções que um homem na empresa?
- Isso deixa as mulheres mais vulneráveis ao desemprego?
- Quando levado em consideração as questões raciais, há diferença entre as sobrecargas do cuidado de mulheres brancas e não brancas?

3. Sobrecarga na pandemia e os reflexos disso na saúde mental e física das mulheres:

- Como e qual foi o período mais crítico na pandemia para as mulheres sobrecarregadas por atividades de cuidado?
- Como essa sobrecarga impacta no psicológico dessas pessoas? Como isso pode transparecer na saúde física?
- Há possibilidade dessa sobrecarga vir a desencadear transtornos?
- Existem exemplos de políticas públicas que buscaram dar apoio a essas mulheres nesses momentos? Quais?
- Houve um retrocesso na questão de divisão de tarefas de cuidado?

- Isso pode impactar na volta das mulheres que perderam o emprego ao mercado de trabalho?
- Há uma forma de ajudar mulheres que se encontram nessa situação?
- Quais tipos de ajuda mulheres em situação de vulnerabilidade socioeconômica podem ter do Estado?
- Perguntas para mulheres que darão depoimentos pessoais serão elaboradas depois.

4. Perspectivas e possibilidades:

- Como desvincular o cuidado da construção de gênero?
- Como a criação e educação das crianças pode ser entendida como um serviço essencial a todos?
- Como a economia pode incorporar o cuidado?
- Como a economia subsidia o cuidado?
- Como visibilizar o trabalho invisível das mulheres na economia do cuidado?
- Há políticas públicas que podem ser implementadas?
- Alguma política pública já foi implementada?
- Falar sobre o assunto desde a educação básica pode abrir caminhos para uma mudança de pensamento em gerações futuras?
- O que se pode fazer a curto e médio prazo? E a longo prazo?
- Há alternativas? Estão havendo mudanças efetivas? Como enxerga essa questão?

Pauta final

DEPOIMENTOS MULHERES

Conversar com as mulheres que se dispuserem a dar entrevista sobre a rotina delas com os trabalhos domésticos e de cuidado com os filhos e familiares.

Perguntas:

1. Como é a divisão de tarefas domésticas dentro de casa? O marido participa?
2. E os cuidados com os filhos, como é essa divisão?
3. Em algum momento antes da pandemia você se sentiu sobrecarregada com atividades domésticas e de cuidado com familiares?

4. E como está sendo essa conciliação entre afazeres domésticos e de cuidado na pandemia? Houve alguma mudança?
5. Em algum momento você achou que não iria dar conta de fazer tudo o que está previsto para fazer no dia?
6. Além do cansaço físico, você já se sentiu esgotada emocionalmente por conta da sobrecarga de trabalho?
7. O que você fez nesses casos de esgotamento?
8. Você tem alguma rede de apoio que possa contar no cuidado com os filhos ou familiares?
9. Essa rede de apoio é essencial para você?
10. Acha que o marido poderia contribuir mais? Se sim, como?

###ENTREVISTA 1 - PRISCILLA LOPES, 25 ANOS, DONA DE CASA

Marcado dia 24/01, às 15h

LOCAL: Entrevista on-line (via Google Meet)

SOBRE: Priscilla Lopes, 25 anos, dona de casa. Voltando aos estudos, concurseira. Pretende fazer faculdade de enfermagem, RH ou ciências da tecnologia. Branca. Nasceu em Brasília, foi criada em Valparaíso de Goiás e atualmente mora em Monte Negro (RS). Tem dois filhos pequenos. Diz se sentir sobrecarregada com estudos, cuidado com os filhos e tarefas domésticas.

###ENTREVISTA 2 - NAJLA BRANDÃO, 35 ANOS, PROFESSORA.

Marcado dia 24/01, às 17h

LOCAL: Entrevista on-line (via Google Meet)

SOBRE: Najla Brandão, 35 anos, professora de língua portuguesa, mestre pela UFT, casada há mais de oito anos, branca, tem um filho de 2 anos e meio. Mora em Araguaína, no Tocantins. Diz se sentir sobrecarregada com trabalho e cuidado com o filho.

###ENTREVISTA 3 - FERNANDA FERREIRA, 37 ANOS, GESTÃO PRODUÇÃO INDUSTRIAL.

Marcado dia 25/01, às 16h

LOCAL: Entrevista on-line (via Google Meet)

SOBRE: Operadora especializada de produção, ensino superior incompleto (gestão da produção industrial), parda. Moradora de Valparaíso de Goiás. Casada e tem dois filhos. Na época da entrevista estava gestante de oito meses. Tem uma rede de apoio muito boa, mas mesmo assim sente o peso da sobrecarga de trabalho, tanto formal quanto dentro de casa.

###ENTREVISTA 4 - ROBERTA EGÍDIO, 38 ANOS, DIARISTA

Marcado dia 26/01, às 15h

LOCAL: Entrevista por telefone

SOBRE: É diarista. Foi empregada doméstica por 10 anos, tem primeiro grau completo, se identifica como parda. Mora em Senador Canedo (GO). Atualmente mora com o marido e os dois filhos. Um filho tem 13 anos e o outro tem 7 anos. É casada há oito anos. Sofreu a perda do pai no final de 2021, ele ajudava bastante no cuidado com os filhos dela.

ENTREVISTA SOCIÓLOGA

Conversar sobre os motivos de os trabalhos domésticos e de cuidado com familiares ainda serem designados majoritariamente às mulheres. Entender o contexto social por trás desse discurso.

Perguntas:

1. Por que a realidade de grande parte das mulheres ainda é a dupla jornada de trabalho?
2. Por que essa estrutura, de tarefas domésticas e de cuidados com os filhos, ainda é designada majoritariamente às mulheres?

3. Por que esse tipo de pensamento ainda é comum? O contexto social em que vivemos reforça isso?
4. Por que as tarefas de cuidado com o lar e até com a família é um trabalho invisível?
5. Você acha que essa questão da sobrecarga das mulheres com atividades de cuidado ganhou mais visibilidade durante a pandemia?
6. Por que essa sobrecarga foi intensificada durante o primeiro ano de pandemia?
7. Por que o trabalho dentro de casa não é considerado um trabalho? E quando é remunerado, os salários tendem a ser bem inferiores aos de outras profissões?
8. A educação pode ser uma ponte para atenuação e posterior mudança desse cenário?
9. Há como o Estado criar políticas públicas para atenuação dessa situação? Tem conhecimento de alguma?
10. Quando levado em consideração as questões raciais, há diferença entre as sobrecargas do cuidado de mulheres brancas e não brancas?
11. Como a criação e educação das crianças pode ser entendida como um serviço essencial a todos?
12. Percebe alguma mudança no cenário de divisão de tarefas nos lares brasileiros? Ou isso é algo mais concentrado na classe média?
13. Há como desvincular o cuidado do gênero? Como?

###ENTREVISTA - CELECINA SALES, SOCIOLOGA E PROFESSORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.

Marcado dia 02/02, às 14h

LOCAL: Entrevista on-line (via Zoom)

SOBRE: Celecina também é fundadora e coordenadora do Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre Gênero, Idade e Família (Legif) da UFC.

ENTREVISTA CIENTISTA POLÍTICA

Conversar sobre como a política pode interferir na questão da economia do cuidado, se há políticas públicas sendo implementadas ou não, e quais dificuldades e resistências esse assunto ainda enfrenta no cenário político.

Perguntas:

1. Como você avalia a representação das mulheres no Legislativo federal?
2. A pouca participação das mulheres na política afeta o desenvolvimento de políticas em prol dessa população? Por quê?
3. As parlamentares que temos hoje no Congresso Nacional representam os interesses das mulheres brasileiras?
4. As mulheres, ainda hoje, são designadas a cuidarem, muitas vezes, sozinhas das atividades domésticas e dos cuidados com os filhos e familiares. Acredita que a presença maior de mulheres em cargos de liderança na política pode dar mais visibilidade para essa situação de sobrecarga com atividades de cuidado e proposição de políticas que visem atenuar esse cenário?
5. Por que ainda é tão difícil mulheres chegarem a exercer cargos na política? Quais os principais motivos para essa situação?
6. Acredita que o contexto social (economia do cuidado) faz com que mulheres se distanciem ainda mais da política?
7. Acha que atualmente estamos em qual patamar em questões de políticas públicas voltadas para a igualdade de gênero?

8. Acredita que falar sobre o assunto desde a educação básica pode abrir caminhos para uma mudança de pensamento em gerações futuras?

###ENTREVISTA - BEATRIZ SANCHES, CIENTISTA POLÍTICA E PÓS DOUTORANDA PELO CEBRAP/USP

Marcada dia 03/02, às 15h

LOCAL: Entrevista on-line (via Zoom)

ENTREVISTA PSICÓLOGAS

Conversar sobre como a sobrecarga de trabalho exercida pelas mulheres afeta a saúde mental delas. Também abordar a importância de uma rede de apoio para essas mulheres.

Perguntas:

1. O que a sobrecarga de trabalho pode acarretar para a saúde mental das mulheres?
2. Essa sobrecarga também pode impactar na saúde física das mulheres? Por quê?
3. Há a possibilidade desse ritmo frenético desencadear transtornos?
4. Muitas das mulheres com quem conversei relatam se sentir culpadas quando não conseguem conciliar todas as tarefas do dia. Por que isso acaba sendo um sentimento comum?
5. Há alguma forma de ajudar mulheres que se encontram nesse tipo de situação?
6. Muitas das mulheres com quem conversei falam da importância da rede de apoio que têm da família. Por que uma rede de apoio para essas mulheres é tão importante?

7. A educação pode ser a base para uma mudança nesse cenário?

**###ENTREVISTA 1 - SIMONE LAVORATO, PSICÓLOGA CLÍNICA E
PSICOPEDAGOGA**

Marcado dia 04/02, às 14h20

Local: Entrevista on-line (via Zoom)

**###ENTREVISTA 2 - VALESKA ZANELLO, PSICÓLOGA E PROFESSORA DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

Marcado dia 16/02, às 18h

Local: Entrevista por telefone

ENTREVISTA ASSISTENTES SOCIAIS

Conversar sobre políticas públicas que foram e que podem ser implementadas para auxiliar mulheres em situação de sobrecarga com atividades domésticas e de cuidado.

Perguntas:

1. Por que essa estrutura, de tarefas domésticas e de cuidados com os filhos, ainda é designada majoritariamente às mulheres?
2. Por que essas tarefas de cuidado com a casa, com os filhos e com familiares são ainda invisibilizadas e não reconhecidas como um trabalho?
3. No seu entendimento, as mulheres são mais suscetíveis a perder uma oportunidade de emprego formal por conta dessas atividades de cuidado? Principalmente por conta da questão da maternidade?
4. Essa sobrecarga tende a ser maior em classes mais pobres? E mais concentrada também em mulheres negras?
5. Há como desvincular o cuidado do gênero? Como?

6. Teria alguma forma de visibilizar o trabalho invisível das mulheres brasileiras?
7. Há como o Estado criar políticas públicas para atenuação dessa situação? Tem conhecimento de alguma? Inclusive para que as empresas também passem a pensar sobre essas questões?
8. Como a criação e educação das crianças pode ser entendida como um serviço essencial a todos?
9. Falar sobre o assunto desde a educação básica pode abrir caminhos para uma mudança de pensamento em gerações futuras? Seria uma forma de incluir na educação de crianças uma nova visão?
10. Qual a importância de uma rede de apoio para mulheres chefes de família?

###ENTREVISTA 1 - ANA IZABEL MOURA, ASSISTENTE SOCIAL E PROFESSORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Marcado dia 04/02, às 16h30

LOCAL: Entrevista on-line (via Zoom)

###ENTREVISTA 2 - HAYESKA BARROSO, ASSISTENTE SOCIAL E PROFESSORA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Marcado dia 07/02, às 16H

LOCAL: Entrevista por telefone

ENTREVISTA ECONOMISTAS

Conversar sobre o que é a economia do cuidado, como ela funciona, como a economia produtiva se aproveita desse trabalho oculto.

Perguntas:

1. Qual o impacto da economia do cuidado e da reprodução na forma de economia que conhecemos hoje?
2. Por que o trabalho de cuidado é invisibilizado? E quando remunerado é mal remunerado?
3. Por desempenhar predominantemente esses papéis as mulheres são prejudicadas pela economia do cuidado no mercado de trabalho?
4. Isso poderia ““explicar”” o motivo pelo qual empregadores remuneram de maneira desigual as mulheres que desempenham as mesmas funções que um homem na empresa?
5. Isso deixa as mulheres mais vulneráveis ao desemprego?
6. O trabalho reprodutivo se mostra extremamente funcional para o desenvolvimento da economia que temos hoje. Por quê?
7. Como a economia pode incorporar o cuidado?
8. Como Estado, empresas e indivíduos se complementam no processo de incorporação da economia do cuidado na economia?
9. Como a economia subsidia o cuidado?
10. Pensar em políticas públicas, como licença-maternidade (extensão dela para homens), pode ser uma das medidas para atenuar esse cenário?
11. Qual a importância dos movimentos sociais para a criação destas políticas públicas?

12. Como visibilizar o trabalho invisível das mulheres na economia do cuidado?

###ENTREVISTA 1 - ANA LUIZA DE HOLANDA BARBOSA, ECONOMISTA,
PESQUISADORA DO IPEA E PROFESSORA DO IBMEC

Marcado dia 08/02, às 15h

LOCAL: Entrevista on-line (via Zoom)

###ENTREVISTA 2 - LUÍSA CARDOSO, ECONOMISTA E PESQUISADORA DA
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS DO RIO DE JANEIRO

Marcado dia 14/02, às 15h

LOCAL: Entrevista on-line (via Zoom)

10.2 Roteiros

EPISÓDIO 1: ECONOMIA DO CUIDADO

VINHETA

TÉCNICA: BG - MÚSICA INSTRUMENTAL COSMIC DRIFT - DIVKID

CABEÇA (ANA CLARA): CUIDAR DE FAMILIARES, CUIDAR DAS CRIANÇAS, LIMPAR A CASA, LAVAR A ROUPA, PASSAR ROUPA, LAVAR A LOUÇA, TODAS ESSAS E OUTRAS ATIVIDADES DE CUIDADO SÃO DESEMPENHADAS, EM SUA IMENSA MAIORIA, POR MULHERES. O TRABALHO DE CUIDAR DOS FILHOS, DO LAR, DA FAMÍLIA É ESSENCIAL PARA A MANUTENÇÃO DA NOSSA SOCIEDADE E DA NOSSA ECONOMIA. MAS POR QUAL MOTIVO É DESIGNADO HISTORICAMENTE COMO UMA ATIVIDADE A SER FEITA POR MULHERES? POR QUE NÃO HÁ UMA DIVISÃO DE TAREFAS IGUALITÁRIA ENTRE TODOS E TODAS QUE HABITAM O MESMO LAR, QUE COMPARTILHAM DA MESMA FAMÍLIA?

NA PANDEMIA DE COVID-19, ESSE CENÁRIO FICOU AINDA MAIS EVIDENTE E MUITO SE FALOU SOBRE A SOBRECARGA QUE AS MULHERES BRASILEIRAS

ESTAVAM E ESTÃO TENDO PARA CONCILIAR TRABALHO, SENDO ELE REMOTO OU NÃO, CUIDADO COM OS FILHOS, AFAZERES DOMÉSTICOS E O TRABALHO ADICIONAL DE CUIDAR DE TODOS DA CASA PARA QUE NÃO CONTRAIAM O VÍRUS. MAS ESSA SITUAÇÃO DE ACÚMULO DE TAREFAS JÁ ACONTECE HÁ SÉCULOS. NÃO É UM FENÔMENO NOVO, MAS A CRISE SANITÁRIA OCACIONADA PELO CORONAVÍRUS AGRAVOU AINDA MAIS O QUE AS MULHERES JÁ CONHECEM HÁ UM BOM TEMPO: AS VÁRIAS JORNADAS DE TRABALHO.

VOCÊ ACOMPANHA, A PARTIR DE HOJE, A SÉRIE “QUEM CUIDA DE QUEM CUIDA?”, ONDE VAMOS FALAR SOBRE O CONTEXTO SOCIAL E ECONÔMICO QUE FAZ COM QUE, MAJORITARIAMENTE, MULHERES EXERÇAM AS ATIVIDADES DE CUIDADO EM VÁRIOS LARES BRASILEIROS. TAMBÉM VAMOS ABORDAR O QUE A SOBRECARGA DE JORNADAS DE TRABALHO ACARRETA NA SAÚDE MENTAL DESSAS MULHERES E QUAIS AS PERSPECTIVAS DE MUDANÇAS DESSE DIFÍCIL CENÁRIO ENFRENTADO POR ELAS. HÁ UMA SAÍDA?

TÉCNICA: BG - MÚSICA INSTRUMENTAL BEYOND – PATRICK PATRICKIOS

CABEÇA (ANA CLARA): NESTE PRIMEIRO EPISÓDIO, VAMOS FALAR SOBRE A ECONOMIA DO CUIDADO./ ISSO MESMO. ECONOMIA DO CUIDADO, QUE É COMPOSTA POR ATIVIDADES DO DIA A DIA, DENTRO DA CASA DE CADA UM, DESDE O CUIDADO COM FAMILIARES DOENTES, CUIDADO COM OS FILHOS, ATÉ A COMIDA PREPARADA, A LOUÇA LAVADA E A ROUPA LIMPA. O QUE É ESSA ECONOMIA DO CUIDADO? QUAIS AS SUAS IMPLICAÇÕES NA VIDA DAS MULHERES? E POR QUE ESSE ZELO COM OS FAMILIARES E COM O LAR É TÃO IMPORTANTE PARA A MANUTENÇÃO DA NOSSA SOCIEDADE E DA ECONOMIA

TRADICIONAL, AQUELA QUE VEMOS NOS JORNAIS? VOCÊ TAMBÉM VAI OUVIR O RELATO DE DUAS MULHERES E SUAS SOBRECARGAS DE CUIDADO COM O LAR E A DEMANDA DE CRIAÇÃO E CUIDADO COM OS FILHOS, QUE SÃO AS HISTÓRIAS DA FERNANDA E DA NAJLA.

TÉCNICA: SOBE SOM MÚSICA INSTRUMENTAL BEYOND – PATRICK PATRICKIOS

LOC WANESSA 1: UM ESTUDO DIVULGADO PELO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), EM 2021, CHAMADO ESTATÍSTICAS DE GÊNERO: INDICADORES SOCIAIS DAS MULHERES NO BRASIL, APONTOU QUE AS MULHERES BRASILEIRAS GASTAM O DOBRO DE TEMPO EM RELAÇÃO AOS HOMENS NA DEDICAÇÃO AOS AFAZERES DOMÉSTICOS E AOS CUIDADOS COM PESSOAS. AS MULHERES DEDICAM POUCO MAIS DE 21 HORAS SEMANAIS, ENQUANTO OS HOMENS DEDICAM APENAS 11 HORAS POR SEMANA AOS CUIDADOS COM A CASA E AS PESSOAS. OS DADOS LEVANTADOS PELO IBGE SÃO REFERENTES AO ANO DE 2019.

A PESQUISA TAMBÉM EVIDENCIA AS DIFERENÇAS RACIAIS E DE CLASSE NAS HORAS DEDICADAS AO CUIDADO E ÀS ATIVIDADES DOMÉSTICAS. AS MULHERES PRETAS E PARDAS DEDICAM EM MÉDIA 22 HORAS SEMANAIS A ESSES AFAZERES. JÁ AS MULHERES POBRES TRABALHAM EM MÉDIA CERCA DE 24 HORAS POR SEMANA EM ATIVIDADES DE CUIDADO, ENQUANTO AS MULHERES COM MAIOR RENDA DEDICAM EM MÉDIA CERCA DE 18 HORAS SEMANAIS.

LOC ANA LUÍSA 1: APESAR DAS HORAS TRABALHADAS SEREM DIFERENTES ENTRE MULHERES BRANCAS, PRETAS OU PARDAS, ENTRE AS MULHERES

POBRES OU RICAS, A DISTÂNCIA DE TEMPO DEDICADO POR CADA UM DESSES GRUPOS NÃO É TÃO GRANDE QUANDO SE COMPARADO COM A DIFERENÇA DE HORAS DEDICADAS A ESSES SERVIÇOS PELOS HOMENS, QUE TRABALHAM MUITO MENOS NESSAS ÁREAS, EM MÉDIA 11 HORAS SEMANAIS.

TÉCNICA: SOBE SOM - MÚSICA INSTRUMENTAL INTELLIGENTSIA – GODMODE

LOC ANA LUÍSA 2: UMA DESSAS MULHERES BRASILEIRAS QUE EXERCEM BOA PARTE DAS TAREFAS DOMÉSTICAS E DE CUIDADO E EDUCAÇÃO DOS FILHOS É FERNANDA FERREIRA. ELA TEM 37 ANOS, SE IDENTIFICA COMO UMA MULHER PARDA. ELA É MORADORA DE VALPARAÍSO DE GOIÁS E É OPERADORA DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL. ALÉM DISSO, FERNANDA É CASADA E TEM TRÊS FILHOS, DOIS MENINOS, UM DE 10 ANOS E OUTRO DE 4 ANOS, E UMA FILHA RECÉM-NASCIDA. FERNANDA RELATA UMA ROTINA CANSATIVA DE CUIDADOS, AINDA MAIS ESTANDO EM HOME OFFICE.

SONORA FERNANDA: EU ACORDO POR VOLTA DAS SETE, SETE E POUQUINHO, NÉ?! AÍ VOU FAZER PRIMEIRO O CAFÉ PROS MENINOS, ARRUMAR PRA ELES, DEIXAR TUDO PRONTO PRA QUANDO ELES ACORDAREM JÁ TÁ TUDO PRONTO. PORQUE ÀS 8H, EU TENHO QUE ENTRAR PRA TRABALHAR. AÍ UMAS 11H E POUQUINHO, EU TENHO QUE PARAR DE NOVO PRA FAZER O ALMOÇO, PRA ELES PODEREM ALMOÇAR, ARRUMAR PRA IR PRA ESCOLA E ISSO VAI ATÉ UMA, UMA E POUQUINHO, PORQUE DEPOIS QUE ELES ALMOÇAM, SE ARRUMAM, EU LEVO ELES PRA ESCOLA. AÍ DEPOIS QUE EU VOLTO DA ESCOLA, ARRUMO A COZINHA, E VOLTO A TRABALHAR DE NOVO.

LOC WANESSA 2: FERNANDA CONTA QUE O MARIDO AUXILIA POUCO EM CASA, É SEMPRE ELA QUEM REALIZA A MAIOR PARTE DAS ATIVIDADES DOMÉSTICAS E DE CUIDADO COM A FAMÍLIA. DE ACORDO COM FERNANDA, O MARIDO DELA NÃO CONSEGUE REALIZAR MAIS AFAZERES DOMÉSTICOS, POIS TRABALHA FORA DE CASA. NA PANDEMIA, ELA PASSOU A TRABALHAR MUITO MAIS TANTO NOS AFAZERES DOMÉSTICOS E COM OS FILHOS QUANTO NO TRABALHO FORMAL, QUE PASSOU A SER FEITO EM HOME OFFICE.

SONORA FERNANDA: BOM, A PARTE MAIOR É MINHA, NÉ?! MEU ESPOSO AJUDA, MEU FILHO DE 10 ANOS AJUDA TAMBÉM, MAS A PARTE MAIOR É SEMPRE MINHA. AINDA MAIS QUE EU ESTOU TRABALHANDO HOME OFFICE, EM CASA, AÍ QUE FICOU TUDO SÓ PRA MIM MESMO. TINHA DIA QUE EU FALAVA “EU NÃO VOU DAR CONTA”. PORQUE É MUITA COISA.

TÉCNICA: BG - MÚSICA ELETRÔNICA JUNE – BOBBY RICHARDS

LOC ANA LUÍSA 3: ESSA SOBRECARGA RELATADA PELA FERNANDA NA PANDEMIA TAMBÉM É A REALIDADE DE VÁRIAS OUTRAS MULHERES BRASILEIRAS. UMA PESQUISA REALIZADA PELA ORGANIZAÇÃO DE MÍDIA GÊNERO E NÚMERO EVIDENCIOU QUE, NO PRIMEIRO ANO DA PANDEMIA, METADE DAS MULHERES QUE PARTICIPARAM DO LEVANTAMENTO, CERCA DE TRÊS MIL MULHERES DE TODO O PAÍS, PASSARAM A CUIDAR DE ALGUÉM, COMO PAI, MÃE, FILHOS OU ALGUM PARENTE QUE TENHA ADOECIDO DURANTE O PERÍODO DE CRISE SANITÁRIA PROVOCADA PELA COVID-19.

NO ENTANTO, ESSE FENÔMENO DAS MULHERES CUIDAREM DA FAMÍLIA E SE RESPONSABILIZAREM PELA CASA NÃO É NOVO. AS MULHERES BRASILEIRAS SEMPRE TIVERAM MAIS DO QUE A JORNADA DE TRABALHO FORA DE CASA,

SENDO O TRABALHO FORMAL OU INFORMAL, ELAS TAMBÉM SÃO, HISTORICAMENTE, DESIGNADAS AO TRABALHO DE CUIDAR DA CASA E CUIDAR DOS FAMILIARES. DESDE CRIANÇA SOMOS ENSINADAS A CUIDAR DO LAR E TER COMO OBJETIVO DE VIDA A MATERNIDADE, O CUIDADO COM FUTUROS FILHOS. UM EXEMPLO DISSO SÃO OS PRESENTES DE BONECA, RODO E VASSOURA DE BRINQUEDO, FOGÃO E PANELINHAS, QUE CANSAMOS DE GANHAR NOS NOSSOS ANIVERSÁRIOS, DE PRESENTE DE NATAL E DE DIA DAS CRIANÇAS. ISSO FAZ PARTE DO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO DAS MULHERES, OU SEJA, COMO ELAS SÃO CRIADAS PARA DESEMPENHAR DETERMINADAS FUNÇÕES NA SOCIEDADE, BOA PARTE DESSAS FUNÇÕES ESTÃO LIGADAS AOS AFAZERES DOMÉSTICOS E DE CUIDADO COM FAMILIARES. ENQUANTO OS MENINOS RECEBEM OUTROS TIPOS DE BRINQUEDOS, COMO CARRINHOS, LEGOS E JOGOS ELETRÔNICOS, POR EXEMPLO.

TÉCNICA: SOBE SOM - MÚSICA INSTRUMENTAL GUITAR HOUSE – JOSH PAN

LOC WANESSA 3: ALÉM DAS MULHERES SEREM SOCIALIZADAS DESDE CRIANÇA PARA EXERCEREM ESSES PAPÉIS DE CUIDADORAS QUANDO ADULTAS, EXISTE OUTRO FATOR QUE PESA AINDA MAIS NESSAS ATIVIDADES DE ZELAR POR ALGUÉM: ELE NÃO É CONSIDERADO UM TRABALHO, OU QUANDO É, ELE É MAL REMUNERADO, COMO EXPLICA A FUNDADORA E DIRETORA DO NÚCLEO DE ESTUDO E PESQUISA SOBRE GÊNERO, IDADE E FAMÍLIA E PROFESSORA DE SOCIOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, CELECINA SALES.

SONORA CELECINA: O CUIDADO É UM DOS TRABALHOS DOMÉSTICOS, É CUIDAR DAS CRIANÇAS, CUIDAR DA CASA, CUIDAR DOS DOENTES, TÃO

ATUAL AGORA NA PANDEMIA. ENTÃO, QUEM CUIDA DAS MULHERES? É UMA COISA QUE A GENTE PODIA SE PERGUNTAR. AS MULHERES, ELAS TÊM ESSE TRABALHO OCULTO. ELE É IMPORTANTE PORQUE ELE ESTÁ TRABALHANDO NA ÁREA DA REPRODUÇÃO DOS TRABALHADORES, DAS CRIANÇAS, DOS JOVENS, DE TODO MUNDO – PORQUE A MULHER QUE TRABALHA AÍ. E OUTRA COISA MUITO IMPORTANTE: É ALGO QUE NÃO É PAGO QUANDO ELE É FEITO PELA DONA DE CASA. MESMO QUANDO ELE NÃO É FEITO PELA DONA DE CASA, ELE É FEITO POR UMA OUTRA MULHER. MAS ESSE TRABALHO DESENVOLVIDO MAJORITARIAMENTE PELAS MULHERES, ESSE TRABALHO DOMÉSTICO É UM TRABALHO COMPLETAMENTE DESVALORIZADO.

TÉCNICA: BG - MÚSICA INSTRUMENTAL WALKING IN THE SKY – NICO STAF

LOC ANA LUÍSA 4: ALÉM DE SER UM TRABALHO INVISÍVEL PARA MUITAS PESSOAS, AS ATIVIDADES DE CUIDADO TAMBÉM SÃO HISTORICAMENTE DESVALORIZADAS POR QUESTÕES CULTURAIS E DE RELAÇÕES DE PODER QUE EXISTEM NA NOSSA SOCIEDADE. OS HOMENS SÃO MAIORIA EM CARGOS POLÍTICOS E DE LIDERANÇA, E ACABAM POR FAVORECER A ELES MESMOS NAS TOMADAS DE DECISÕES SEJA NA POLÍTICA OU DENTRO DAS EMPRESAS, COMO TAMBÉM EXPLICA A SOCIÓLOGA E PESQUISADORA CELECINA SALES.

SONORA CELECINA: QUEM É QUE MANDA NA FAMÍLIA? QUEM É QUE MANDA NA FÁBRICA? QUEM É QUE MANDA NO ESCRITÓRIO? QUEM É QUE MANDA NO ESTADO? NÓS VAMOS VER QUE TODOS ESSES ESPAÇOS DE PODER INSTITUCIONAIS, INCLUSIVE, SÃO ESPAÇOS ONDE OS HOMENS MANDAM.

QUEM TEM A AUTORIDADE, CLARO QUE ELE VAI FAVORECER OS SEUS PARES. ENTÃO, AS MULHERES APARECEM COMO AS NÃO PRODUTIVAS. E SE NÃO É PRODUTIVA, ELA NÃO TEM QUE RECEBER POR ISSO. NÃO É UM TRABALHO QUE VALE. QUANDO A GENTE SABE QUE PARA SE TER O TRABALHO PRODUTIVO É ESSENCIAL QUE SE TENHA ESSE TRABALHO REPRODUTIVO. É ELE QUE MANTÉM A SOCIEDADE.

A GENTE VÊ, POR EXEMPLO, QUE ESSA QUESTÃO DO CUIDADO, ELA MUDA EM RELAÇÃO A QUESTÃO DE GÊNERO, DE CLASSE, DE RAÇA. E A GENTE PERCEBE, POR EXEMPLO, QUE AS MULHERES POBRES, NEGRAS, DA PERIFERIA, ELAS CUIDAM MUITO MAIS DE QUE OUTRAS, PORQUE ELAS NÃO TÊM OUTROS EQUIPAMENTOS, QUE OUTRAS MULHERES DE CLASSE MÉDIA, MAIS ABASTADAS, TÊM.

TÉCNICA: SOBE SOM – TILL I LET GO - NEFFEX (INSTRUMENTAL)

LOC WANESSA 4: O RELATO QUE VOCÊ VAI OUVIR AGORA É DE NAJLA BRANDÃO, DE 35 ANOS, QUE ILUSTRA O QUE DISSE A SOCIÓLOGA CELECINA SALES. NAJLA É PROFESSORA EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEMPO INTEGRAL EM ARAGUAÍNA, NO TOCANTINS. NAJLA SE CONSIDERA BRANCA, É CASADA HÁ OITO ANOS E TEM UM FILHO DE DOIS ANOS.

SONORA NAJLA: EU TENHO UMA PESSOA, QUE ME AJUDA, O RESTANTE DAS ATIVIDADES DOMÉSTICAS - A MAIORIA - É DE MINHA RESPONSABILIDADE E O ESPOSO AJUDA.

LOC ANA LUÍSA 5: DURANTE A PANDEMIA, NAJLA SE VIU TENDO QUE DAR AULAS ONLINE DENTRO DE CASA E DIVIDIR A SUA ATENÇÃO ENTRE O TRABALHO E O FILHO, MESMO TENDO OUTRAS PESSOAS COM QUEM PUDESSE

CONTAR PARA CUIDAR DELE. ELA CONTA QUE O SENTIMENTO QUE PREDOMINA É O DE CULPA POR TER A SENSAÇÃO DE ESTAR SEMPRE DEVENDO MAIS ATENÇÃO OU CUIDADO, SEJA AO FILHO OU AO TRABALHO, EM DECORRÊNCIA DAS VÁRIAS ATIVIDADES QUE TEM QUE DESEMPENHAR AO MESMO TEMPO TODOS OS DIAS.

SONORA NAJLA: A GENTE SE SENTE PERDIDA. INCAPAZ, ACHA QUE, NÃO DÁ CONTA DA DEMANDA DE TRABALHO QUE SE ACUMULA. E ESSA SENSAÇÃO DE INCAPACIDADE, EU ACHO QUE É A QUE MAIS MALTRATA A GENTE. ACHO QUE COMO MÃE, COMO ESPOSA, COMO DONA DE CASA, COMO PROFISSIONAL PRINCIPALMENTE.

TODOS OS DIAS A GENTE CARREGA A SENSAÇÃO DE CULPA. AH, EU QUERIA TANTO FAZER ISSO, MAS EU TENHO QUE TRABALHAR, AÍ EU TENHO QUE DEIXÁ-LO. ENTÃO VOCÊ TEM SEMPRE AQUELA SENSAÇÃO DE ESTAR DEVENDO SEJA PRA ELE, SEJA PARA O SEU TRABALHO.

TÉCNICA: BG - MÚSICA INSTRUMENTAL FLOATING HOME – BRIAN BOLGER

LOC WANESSA 5: O RELATO DA NAJLA AJUDA A COMPREENDER A MENTALIDADE DA NOSSA SOCIEDADE EM RELAÇÃO ÀS ATIVIDADES DE CUIDADO DENTRO DE CASA. ESSA ESTRUTURA DE AFAZERES TÃO PARTICULAR DA CASA DA NAJLA AO MESMO TEMPO SE REPETE EM VÁRIOS LARES BRASILEIROS. PARA ALÉM DAS CARACTERÍSTICAS QUE MARCAM CADA LAR NO BRASIL, ESSE CONTEXTO SOCIAL NOS AJUDA A ENTENDER TAMBÉM COMO A NOSSA ECONOMIA FUNCIONA.

DE ACORDO COM A DEFINIÇÃO DA FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, ECONOMIA É O CONJUNTO DE ATIVIDADES

DESENVOLVIDA PELOS HOMENS VISANDO A PRODUÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E CONSUMO DE BENS E SERVIÇOS NECESSÁRIOS À SOBREVIVÊNCIA E À QUALIDADE DE VIDA.

LOC ANA LUÍSA 6: SIM, VOCÊ NÃO OUVIU ERRADO. A DEFINIÇÃO DADA NO SITE DA PRÓPRIA FACULDADE DE ECONOMIA DA USP RELACIONA A ECONOMIA AOS HOMENS, NÃO DIRETAMENTE AO MASCULINO, MAS ASSOCIANDO TODA A SOCIEDADE COMO HOMENS. NO ENTANTO, TAMBÉM PODEMOS E DEVEMOS RESSALTAR QUE, NÃO POR ACASO, A ECONOMIA QUE CONHECEMOS A QUE VEMOS NO JORNAL, QUE FALA SOBRE INFLAÇÃO, PRODUÇÃO INDUSTRIAL, PRODUTO INTERNO BRUTO, O PIB E A BALANÇA COMERCIAL, CHAMADA DE ECONOMIA PRODUTIVA, É ASSOCIADA EM BOA PARTE AOS HOMENS. E AÍ, NESSE CASO, ESTAMOS FALANDO DO GÊNERO MASCULINO MESMO.

MAS OUTRA PEÇA FUNDAMENTAL PARA O FUNCIONAMENTO DA ECONOMIA PRODUTIVA É A ECONOMIA DO CUIDADO DESIGNADA, AO LONGO DA HISTÓRIA, PARA AS MULHERES, COMO EXPLICA A ECONOMISTA, TÉCNICA DE PLANEJAMENTO E PESQUISA DO INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA) E PROFESSORA DA FACULDADE DE ECONOMIA DO IBMEC, ANA LUIZA DE HOLANDA BARBOSA.

SONORA ANA LUIZA: ECONOMIA PRODUTIVA É TUDO AQUILO QUE RESPONDE À DEMANDA E PRODUZ MERCADORIA. E ECONOMIA DO CUIDADO, É TUDO QUE RESPONDE ÀS NECESSIDADES E PRODUZ CAPACIDADES. ENTÃO, ESTÁ NUM ÂMBITO MUITO MAIS VINCULADO AO SER HUMANO. É UM TRABALHO MUITO MAIS INDIVIDUALIZADO E

AFETIVO E SEMPRE PERPASSOU MAIS PARA AS MULHERES. ESSE TRABALHO REPRODUTIVO, ELE NÃO É CONTABILIZADO NO PIB - NACIONALMENTE -, POR ISSO QUE ELE É TÃO POUCO TRANSPARENTE E NÃO LEVADO NAS CONTAS PÚBLICAS.

TÉCNICA: SOBE SOM - MÚSICA INSTRUMENTAL YAH YAH - JOSH PAN

LOC WANESSA 6: APESAR DE NÃO SER CONTABILIZADO NO PIB, EXISTEM PESQUISADORAS QUE FAZEM ESSES CÁLCULOS PARA SABER O QUANTO AS MULHERES RECEBERIAM CASO ESSAS ATIVIDADES DE CUIDADO FOSSEM REMUNERADAS. COMO É O CASO DA PESQUISADORA, DOUTORA EM ECONOMIA E PROFESSORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO HILDETE PEREIRA DE MELO, QUE FAZ ESSA CONTA COM BASE EM DADOS DO IBGE SOBRE GÊNERO E ATIVIDADES DE CUIDADO. DE ACORDO COM OS CÁLCULOS E ESTUDOS DA PESQUISADORA, AS ATIVIDADES DE CUIDADO NÃO REMUNERADAS CORRESPONDEM A CERCA DE 11% DO PIB DO PAÍS, O QUE, EM VALORES, SIGNIFICA APROXIMADAMENTE 210 BILHÕES DE REAIS. É MAIS QUE O DOBRO DO QUE O SETOR AGROPECUÁRIO PRODUZ NO BRASIL.

TÉCNICA: SOBE SOM - MÚSICA INSTRUMENTAL YAH YAH - JOSH PAN

LOC ANA LUÍSA 7: ALÉM DA QUESTÃO DA DESIGUALDADE DE GÊNERO, QUE EXPLICA EM PARTE PORQUE OS TRABALHOS QUE ENVOLVEM A AÇÃO DE CUIDAR DE ALGUÉM NÃO SÃO VALORIZADOS, ESSA SITUAÇÃO TAMBÉM É REFORÇADA POR OUTROS ASPECTOS IMPORTANTES DO CONTEXTO SOCIAL BRASILEIRO, COMO AS QUESTÕES DE CLASSE E DE RAÇA, EM QUE HISTORICAMENTE, MULHERES POBRES E NEGRAS SÃO AS QUE MAIS EXERCEM

ESSAS ATIVIDADES NO PAÍS, SEJA ELE REMUNERADO OU NÃO, COMO ESCLARECE A ECONOMISTA ANA LUIZA DE HOLANDA BARBOSA.

SONORA ANA LUIZA: O GRUPO DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS, ELAS TRABALHAM PARA AS OUTRAS MULHERES E TAMBÉM TEM O TRABALHO QUE ELAS FAZEM EM RELAÇÃO À CASA DELAS. ENTÃO, ELAS TRABALHAM COMO BABÁS, COMO COZINHEIRAS E FAXINEIRAS PARA AS OUTRAS MULHERES QUE TÊM DINHEIRO PARA PAGAR E QUE ESSAS MULHERES - DE CLASSE E DE RENDA, COM EDUCAÇÃO E COM A QUALIFICAÇÃO MAIS ALTA - PODEREM IR PARA O MERCADO DE TRABALHO. NÃO SÃO OS CÔNJUGES DESSAS COM QUALIFICAÇÃO MAIS ALTA QUE FAZEM O TRABALHO DOMÉSTICO, AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS É QUE FAZEM OS TRABALHOS. OU SEJA, HÁ UMA SOLUÇÃO PATRIARCAL AÍ.

TÉCNICA: SOBE SOM - MÚSICA INSTRUMENTAL TO LOOM IS TO LOVE – THE MINI VANDALS

LOC WANESSA 7: DENTRO DE TODO ESSE CONTEXTO DE DEDICAÇÃO AOS FILHOS E AO LAR, FERNANDA FERREIRA, A MULHER QUE OUVIMOS O RELATO NO INÍCIO DESTE EPISÓDIO, RECONHECE QUE BOA PARTE DAS MÃES SÃO AS QUE TOMAM FRENTE NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS.

SONORA FERNANDA: PRA MIM, MÃE É A BASE DE TUDO. É O COMEÇO DE TUDO. EU POSSO TÁ SENDO EGOÍSTA PENSANDO ASSIM, MAS EU PENSO ASSIM, SE NÃO FOR A MÃE, EU ACHO QUE NÃO TEM FORMAÇÃO NENHUMA DOS FILHOS, PORQUE A MÃE QUE TOMA FRENTE DE TUDO. É A MÃE QUE TÁ SEMPRE ALI, JUNTO.

TÉCNICA: BG MÚSICA INSTRUMENTAL TROPIC FUSE - FRENCH FUSE

LOC ANA LUÍSA 8: NESTE PRIMEIRO EPISÓDIO, VIMOS COMO FUNCIONA TODA ESSA ESTRUTURA DA ECONOMIA DO CUIDADO NO CONTEXTO BRASILEIRO, DESDE A PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA SOBRE O TEMA COMO O QUANTO ESSE CENÁRIO É RESPONSÁVEL POR MANTER A SOCIEDADE E A ECONOMIA TRADICIONAL DA FORMA COMO ELAS SÃO ATUALMENTE. VIMOS TAMBÉM, POR MEIO DO RELATO DA FERNANDA E DA NAJLA, O QUANTO A PANDEMIA DE COVID-19 INTENSIFICOU AINDA MAIS A SOBRECARGA DAS VÁRIAS JORNADAS DE TRABALHO DESEMPENHADAS PELAS MULHERES.

LOC WANESSA 8: NO PRÓXIMO EPISÓDIO, IREMOS ABORDAR COMO ESSA SOBRECARGA DE TRABALHO PODE AFETAR A SAÚDE MENTAL DAS MULHERES, E O QUANTO A REDE DE APOIO É IMPORTANTE PARA QUE ESSE CENÁRIO SE ATENUE. ATÉ MAIS.

TÉCNICA: SOBE SOM - MÚSICA INSTRUMENTAL TROPIC FUSE - FRENCH FUSE

FICHA TÉCNICA

EPISÓDIO 2: SAÚDE MENTAL DAS MULHERES

VINHETA

TÉCNICA: BG – MÚSICA INSTRUMENTAL THUNDER - TELECASTED

CABEÇA (ANA CLARA): SE VOCÊ CONSEGUIU CHEGAR À FASE ADULTA, MUITO PROVAVELMENTE, UMA MULHER ESTEVE POR TRÁS DA SUA EDUCAÇÃO E DOS CUIDADOS COM VOCÊ. MUITAS HORAS DE CUIDADO FORAM DEDICADAS PARA QUE VOCÊ CONSEGUISSSE SE TORNAR UM ADULTO OU UMA ADULTA E

CONSEGUISSSE REALIZAR COM AUTONOMIA ESSES AFAZERES, COMO FAZER COMIDA, LAVAR ROUPA, LIMPAR A CASA, ENTRE MUITAS OUTRAS ATIVIDADES DE CUIDADO.

ESSES SERVIÇOS DE CUIDADO QUE RECEBEMOS EM NOSSAS CASAS SÃO ESSENCIAIS PARA EXISTÊNCIA DA NOSSA SOCIEDADE, DA NOSSA ECONOMIA, POIS COM ESSES CUIDADOS PODEMOS TRABALHAR MELHOR E FICAMOS MENOS DOENTES, POR EXEMPLO, E POR ISSO SE MOSTRAM TAMBÉM FUNDAMENTAIS PARA A NOSSA EXISTÊNCIA ENQUANTO SERES VIVOS. MAS ESSES AFAZERES BÁSICOS NÃO SÃO BEM DISTRIBUÍDOS EM MUITOS LARES BRASILEIROS. POR CONTA DE QUESTÕES CULTURAIS E CONTEXTOS SOCIAIS, COMO VIMOS NO PRIMEIRO EPISÓDIO DA SÉRIE, ESSE TRABALHO AINDA É MAJORITARIAMENTE REALIZADO PELAS MULHERES. MUITAS VEZES, ELAS TÊM QUE CONCILIAR ESSAS ATIVIDADES DE CUIDADO COM OUTRAS TÃO IMPORTANTES QUANTO, COMO O TRABALHO FORMAL OU INFORMAL FORA DE CASA. ISSO ACARRETA UMA SOBRECARGA DE JORNADA DE TRABALHO ENTRE AS MULHERES DO PAÍS - UMAS MAIS SOBRECARRREGADAS DO QUE OUTRAS DEPENDENDO DA CLASSE SOCIAL E DE QUESTÕES RACIAIS.

NESTE SEGUNDO EPISÓDIO DA SÉRIE DE REPORTAGENS QUEM CUIDA DE QUEM CUIDA?, VAMOS ABORDAR COMO ESSAS VÁRIAS JORNADAS DE TRABALHO PODEM AFETAR A SAÚDE MENTAL DAS MULHERES E POR QUE UMA REDE DE APOIO SOCIAL PARA ELAS É TÃO IMPORTANTE.

TÉCNICA: SOBE SOM – MÚSICA INSTRUMENTAL CATTLE - TELECASTED

SONORA PRISCILLA: EU MORO SOZINHA AQUI NO RIO GRANDE DO SUL, ENTÃO NÃO TENHO APOIO DE FAMILIAR NENHUM. AQUI É SÓ EU, MEU ESPOSO E OS MEUS DOIS FILHOS.

LOC ANA LUÍSA 1: ESSE RELATO É DA PRISCILLA LOPES, DE 25 ANOS. ELA SE IDENTIFICA COMO UMA MULHER BRANCA. PRISCILLA É DONA DE CASA E TEM DOIS FILHOS, UM DE 7 E OUTRO DE 3 ANOS. ELA NASCEU EM BRASÍLIA, MAS CRESCERAM NO ENTORNO DO DISTRITO FEDERAL, EM VALPARAÍSO DE GOIÁS. ATUALMENTE, ELA MORA NA CIDADE DE MONTE NEGRO, NO RIO GRANDE DO SUL. EM 2019, ELA E A FAMÍLIA TIVERAM QUE SE MUDAR PARA O SUL DO PAÍS POR CONTA DA TRANSFERÊNCIA DO MARIDO DELA, QUE É MILITAR.

PRISCILLA CONTA QUE É MUITO DIFÍCIL CONCILIAR A ROTINA DA CASA E DOS FILHOS COM OS ESTUDOS. ELA ESTÁ ESTUDANDO PARA CONCURSO E TAMBÉM PRETENDE COMEÇAR A FAZER UMA FACULDADE ESTE ANO. ELA DIZ QUE O APOIO DA FAMÍLIA COM O CUIDADO COM OS FILHOS, QUE ELA TINHA QUANDO MORAVA EM VALPARAÍSO DE GOIÁS, FAZ MUITA FALTA.

SONORA PRISCILLA: E AGORA TAMBÉM QUE EU ESTOU ESTUDANDO PRA CONCURSO, OU EU FICO DE MADRUGADA ACORDADA ESTUDANDO OU EU ACORDO MUITO CEDO. OU SE NÃO, QUANDO O PEQUENO DORME, EU TENTO ESTUDAR. MAS AÍ EU TENHO QUE FICAR CONCILIANDO DE ARRUMAR A CASA, LAVANDO LOUÇA, FAZENDO COMIDA, LAVANDO ROUPA, ESTENDENDO ROUPA. QUANDO EU MORAVA EM GOIÁS ERA BEM MELHOR, PORQUE EU TINHA O APOIO DA MINHA MÃE, DA MINHA SOGRA, TINHA SOBRINHA, TINHA TODO MUNDO LÁ. COMO EU MUDEI DE ESTADO JÁ TEM

DOIS ANOS, ENTÃO FICOU SOBRECARGADO AQUI PRA MIM. SER MÃE, DONA DE CASA E ESPOSA NÃO É FÁCIL, ÀS VEZES, MAS A GENTE TENTA.

TÉCNICA: BG – MÚSICA INSTRUMENTAL BELIEVE - NEFFEX

LOC WANESSA 1: ESSE SENTIMENTO DE CULPA E DE NÃO DAR CONTA DOS DIVERSOS AFAZERES QUE ESTÃO PREVISTOS PARA O DIA NÃO É UMA SENSAÇÃO EXCLUSIVA DA PRISCILLA. ESSES RELATOS SÃO COMUNS ENTRE AS MULHERES QUE SE DISPONIBILIZARAM A RELATAR SUAS ROTINAS E CANSAÇOS PARA A REPORTAGEM. E, INFELIZMENTE, É UM SENTIMENTO COMUM ENTRE AS MULHERES BRASILEIRAS.

NA PANDEMIA, ESSE CENÁRIO DE SOBRECARGA DE TRABALHO E DE CUIDADOS E OS PROCESSOS DE ADOECIMENTOS MENTAIS SE AGRAVARAM. UMA PESQUISA FEITA PELO INSTITUTO DE PSIQUIATRIA DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO MOSTROU QUE AS MULHERES FORAM AS MAIS AFETADAS PSICOLÓGICAMENTE PELA CRISE SANITÁRIA PROVOCADA PELA COVID-19. QUASE METADE DAS TRÊS MIL MULHERES ENTREVISTADAS, CERCA DE MIL E DUZENTAS, EM TODO O PAÍS, RELATARAM SINTOMAS DEPRESSIVOS DURANTE O PRIMEIRO ANO DE PANDEMIA. O LEVANTAMENTO TAMBÉM EVIDENCIOU QUE CERCA DE MIL MULHERES RELATARAM SINTOMAS DE ANSIEDADE E CERCA DE MIL E CEM DESCREVERAM SINTOMAS DE ESTRESSE.

TÉCNICA: SOBE SOM – MÚSICA INSTRUMENTAL BELIEVE - NEFFEX

LOC ANA LUÍSA 2: SEGUNDO SIMONE LAVORATO, PSICÓLOGA CLÍNICA E QUE ATUA NA ÁREA DA EDUCAÇÃO HÁ MAIS DE 20 ANOS, OS PROCESSOS DE ADOECIMENTOS MENTAIS NA PANDEMIA ENTRE AS MULHERES PODEM

TAMBÉM ESTAR RELACIONADOS À INTENSIFICAÇÃO DAS VÁRIAS JORNADAS DIÁRIAS DE TRABALHO DESEMPENHADAS POR ELAS DURANTE A PANDEMIA DE CORONAVÍRUS.

SONORA SIMONE: FICOU REALMENTE MUITO EVIDENTE AGORA NA QUESTÃO DA PANDEMIA, MAS ESSA SOBRECARGA FEMININA, ELA É UMA COISA CULTURAL. É UMA COISA QUE VEM AO LONGO DOS SÉCULOS DESDE QUE O MUNDO É MUNDO, A MULHER ELA ACABA TENDO UMA SOBRECARGA MUITO GRANDE. É ESPERADO DELA MUITO MAIS DO QUE REALMENTE O ORGANISMO DELA, FÍSICO E PSICOLÓGICAMENTE TEM CONDIÇÕES DE OFERTAR. E AGORA, LÓGICO, NESSA ÉPOCA DE PANDEMIA ISSO AGRAVOU AINDA MAIS. PORQUE SE ESSA MULHER, ELA TINHA QUE TER A OBRIGAÇÃO ALI DE SER MÃE, DE SER DONA DE CASA, DE ADMINISTRAR TODO O LAR, DE TER O TRABALHO FORA, DE ESTUDAR. ENTÃO, ALÉM DE TUDO ISSO, AINDA TEVE QUE AUMENTAR E AMPLIAR OS CUIDADOS COM A QUESTÃO DA CONTAMINAÇÃO. ENTÃO, ESSA SOBRECARGA ELA FOI AUMENTANDO.

LOC WANEISSA 2: A PROFESSORA DO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB) VALESKA ZANELLO TAMBÉM ALERTA QUE ESSES PROCESSOS DE DOENÇAS MENTAIS DE MULHERES NÃO SÃO EXCLUSIVOS DA PANDEMIA, MAS A CRISE SANITÁRIA INTENSIFICOU DE MODO SIGNIFICATIVO ESSA SOBRECARGA EMOCIONAL E DE TAREFAS SENTIDA PELAS BRASILEIRAS.

SONORA VALESKA: EXISTE UM MAL-ESTAR NO CUIDAR QUE É MUITO POUCO NOMEADO, JUSTAMENTE PORQUE É NATURALIZADO. UMA

MULHER QUE DIGA QUE NÃO VAI FAZER OU QUE EXIGE QUE SEJA DIVIDIDO O CUIDAR, ESSA RESPONSABILIDADE DO CUIDADO, ELA É VISTA COMO POUCO FEMININA E COMO UMA MULHER ESTRANHA, ÀS VEZES NEM MUITO MULHER. É IMPORTANTE DIZER QUE O COVID TROUXE VÁRIOS PROBLEMAS, NÃO NOVIDADES, MAS AMPLIFICOU ESSA DIVISÃO DESIGUAL DE CUIDADO E QUE A GENTE JÁ TEM RELATOS, MUITOS RELATOS, DE MULHERES QUE ESTÃO SOFRENDO DE ANSIEDADE, DEPRESSÃO, E QUE ESSES PROBLEMAS, ESSES SOFRIMENTOS PSÍQUICOS, PROVAVELMENTE ELE VAI CONTINUAR MESMO QUANDO A PANDEMIA TERMINAR. QUER DIZER, NÃO É PARALELO, TERMINOU A PANDEMIA O EFEITO VAI PASSAR. A GENTE TEM QUE PENSAR EM POLÍTICAS PÚBLICAS PARA INTERVIR NISSO DAÍ, NÃO SEJA SÓ MEDICAMENTO E PSICOTERAPIA, POR EXEMPLO, CONSTRUÇÃO E GARANTIA DE ACESSO À CRECHE PARA TODAS AS MULHERES MÃES.

TÉCNICA: SOBE SOM – MÚSICA INSTRUMENTAL INTERSTELLAR MOOD - NICO STAF

LOC ANA LUÍSA 3: ROBERTA EGÍDIO, DE 38 ANOS, UMA MULHER QUE SE CONSIDERA PARDA, É UMA DESSAS MULHERES BRASILEIRAS QUE DEMOROU A CONSEGUIR ESSE APOIO DE TER ONDE DEIXAR O FILHO MAIS VELHO, NA ÉPOCA SEU ÚNICO FILHO, ENQUANTO TRABALHAVA FORA DE CASA. HOJE O FILHO DELA TEM TREZE ANOS.

ANTES DE TRABALHAR COMO DIARISTA, SUA ATUAL PROFISSÃO, ROBERTA TRABALHOU COMO EMPREGADA DOMÉSTICA DURANTE 10 ANOS E PARTE

DESSE TEMPO TEVE QUE LEVAR O ÚNICO FILHO NA ÉPOCA PARA O TRABALHO, POIS NÃO TINHA COM QUEM DEIXAR O MENINO.

ATUALMENTE, ROBERTA ESTÁ EM UM OUTRO RELACIONAMENTO E TEVE MAIS UM FILHO, QUE HOJE TEM SETE ANOS. ELA DIZ QUE HOJE EM DIA É MAIS TRANQUILO, POIS O MARIDO DIVIDE ALGUMAS TAREFAS DE CUIDADO COM ELA.

SONORA ROBERTA: EU TIVE MEU PRIMEIRO FILHO SOZINHA - MÃE SOLTEIRA. ENTÃO, ASSIM, MINHA VIDA SEMPRE FOI MUITO CORRIDA. HOJE EM DIA, EU DIGO QUE É UM POUCO MAIS TRANQUILA. PORQUE ANTES, EU TIVE MEU PRIMEIRO FILHO AOS 25 ANOS. E AÍ DURANTE UM ANO E SEIS MESES, EU VIVI INDO PRO TRABALHO E LEVANDO O MEU FILHO, O MAIS VELHO. ATÉ QUE COM UM ANO E SETE MESES, EU CONSEGUI A VAGA NA CRECHE PRA ELE. EU MORO NUMA CIDADE QUE EU NÃO TENHO PROXIMIDADE COM OS MEUS PARENTES, IRMÃOS, ESSAS COISAS MAIS PRÓXIMO. ENTÃO, EU DEPENDIA MUITO DE ALGUÉM PRA QUE EU PUDESSE PAGAR OU A CRECHE MESMO PRA FICAR COM MEU MENINO.

LOC WANESSA 3: ROBERTA MORA EM SENADOR CANEDO, UM MUNICÍPIO DE GOIÁS DISTANTE CERCA DE 24 QUILOMETROS DA CAPITAL DO ESTADO, GOIÂNIA. OS IRMÃOS E PARENTES DELA MORAM EM OUTRA CIDADE, TAMBÉM DE GOIÁS, CHAMADA NOVA VENEZA, QUE FICA HÁ POUCO MAIS DE UMA HORA DE CARRO DO MUNICÍPIO EM QUE ELA MORA. O PAI DELA ERA QUEM A AUXILIAVA NO CUIDADO COM OS FILHOS ENQUANTO ELA E O ATUAL MARIDO ESTAVAM NO TRABALHO, MAS, INFELIZMENTE, ELE VEIO A FALECER EM

DECORRÊNCIA DA COVID-19 NO FINAL DE 2021. ELA CONTA QUE O APOIO DO PAI FAZ MUITA FALTA.

SONORA ROBERTA: MEU PAI MORAVA AQUI COM A GENTE, MORAVA NO FUNDO AQUI DE CASA, E NO ANO PASSADO, EU E ELE, A GENTE PEGOU COVID. INFELIZMENTE ELE NÃO RESISTIU. ELE VEIO A ÓBITO JÁ VAI FAZER SEIS MESES. ENTÃO, ASSIM, ERA UMA AJUDA MAIOR AINDA QUE EU TINHA COM O ACOMPANHAMENTO DAS CRIANÇAS, QUE HOJE EU JÁ NÃO TENHO. TEVE ESSE PERÍODO DE LÁ PRA CÁ QUE ME SOBRECARRREGOU, EU NÃO DIGO ASSIM COM OS AFAZERES, MAS EMOCIONALMENTE.

TÉCNICA: BG – MÚSICA INSTRUMENTAL OUTLAW'S FAREWELL - REED MATHIS

LOC ANA LUÍSA 4: ASSIM COMO ROBERTA E PRISCILLA RELATARAM A IMPORTÂNCIA DE UMA REDE DE APOIO FAMILIAR PARA AUXILIÁ-LAS COM AS ATIVIDADES DE CUIDADO COM OS FILHOS, ESSE APOIO SE MOSTRA FUNDAMENTAL PARA VÁRIAS OUTRAS MULHERES QUE REALIZAM OS MESMOS AFAZERES DE CUIDADO COM O LAR E COM A FAMÍLIA, COMO EXEMPLIFICA A PROFESSORA DE PSICOLOGIA CLÍNICA DA UNB VALESKA ZANELLO.

SONORA VALESKA: A REDE DE APOIO É IMPORTANTE, PRIMEIRO, PARA CONSTRUIR POSSIBILIDADES DE CUIDADO QUE SEJAM MAIS PARTILHADOS. SEGUNDO, PARA QUE HAJA UMA POLITIZAÇÃO DOS AFETOS E DO SOFRIMENTO, PARA QUE SE PERCEBA QUE NÃO É UMA QUESTÃO DE UMA BIOGRAFIA X DA FULANA ESPECÍFICA, MAS QUE TEM A VER COM UMA VIOLÊNCIA ESTRUTURAL CONTRA AS MULHERES, ONDE HÁ

UMA PUNIÇÃO MESMO SOCIAL DAS MULHERES MÃES E ELAS, QUASE NUNCA, SÃO PAUTAS FUNDAMENTAIS OU PRINCIPAL DAS POLÍTICAS PÚBLICAS.

TÉCNICA: SOBE SOM – MÚSICA INSTRUMENTAL LOOPING ASCENT - JOEL CUMMINS

LOC WANESSA 4: PENSANDO NESSA REALIDADE DAS MULHERES QUE EXERCEM MAJORITARIAMENTE OS TRABALHOS DE CUIDADO, NOSSO PAÍS VIZINHO, A ARGENTINA, INOVOU E PUBLICOU UM DECRETO, EM 2021, RECONHECENDO, PELO MENOS, O CUIDADO DAS MÃES COM OS FILHOS EM CASA COMO TEMPO DE SERVIÇO A SER CONTABILIZADO NA APOSENTADORIA.

A MEDIDA ACRESCENTA DE UM A TRÊS ANOS DE TEMPO DE SERVIÇO POR FILHO NASCIDO COM VIDA PARA AS MULHERES ARGENTINAS QUE TRABALHAM FORA DE CASA. O BENEFÍCIO É VÁLIDO PARA MULHERES QUE ESTÃO COM A IDADE MÍNIMA PARA SE APOSENTAR, QUE NA ARGENTINA É A PARTIR DOS 60 ANOS, MAS QUE AINDA NÃO TENHAM ATINGIDO O TEMPO MÍNIMO DE CONTRIBUIÇÃO PREVIDENCIÁRIA PARA A APOSENTADORIA QUE É DE 30 ANOS.

LOC ANA LUÍSA 5: SEGUNDO A ASSISTENTE SOCIAL E PROFESSORA DO DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA HAYESKA BARROSO, O QUE PERMITE A ASCENSÃO SOCIAL DOS HOMENS NO MERCADO DE TRABALHO, EM PARTE, É DEVIDO AO TRABALHO DE CUIDADO QUE AS MULHERES TANTO COMO MÃES QUANTO COMO ESPOSAS EXERCEM NO ÂMBITO FAMILIAR.

SONORA HAYESKA: O FATO DE SER UM TRABALHO NÃO REMUNERADO, NÃO SIGNIFICA DIZER QUE EM ALGUM MOMENTO DA HISTÓRIA TENHA DEIXADO DE SER TRABALHO, MAS NÃO RECONHECIDO ENQUANTO TAL. ENTÃO, POR EXEMPLO, SE VOCÊ PENSAR NUMA MULHER QUE PASSOU SUA VIDA INTEIRA DEDICADA PARA CUIDAR DOS FILHOS, CUIDAR DA CASA, CUIDAR DO MARIDO - ENQUANTO O MARIDO REALIZOU, CONSEGUIU DESENVOLVER UMA CARREIRA POR ANOS EM DETERMINADA ÁREA - ESSE CARA ELE SÓ CONSEGUIU ESSE DESENVOLVIMENTO, PORQUE ELE TINHA UMA MULHER, PORQUE ELE TINHA ESSE SUPORTE, DE ALGUMA FORMA PARA PODER ELE TER CONDIÇÕES DE PRODUZIR, DE ASCENDER SOCIAL E NO CAMPO DO STATUS, EM RELAÇÃO AO DESENVOLVIMENTO DA CARREIRA DELE.

TÉCNICA: SOBE SOM – MÚSICA INSTRUMENTAL NÃO EXISTE AMOR EM SP - CRIOLO

LOC WANESSA 5: NESTE EPISÓDIO FALAMOS COMO ESSA MÁ DISTRIBUIÇÃO DE TAREFAS DE CUIDADO PODE AFETAR A SAÚDE MENTAL DAS MULHERES. A SOBRECARGA DE JORNADAS E MAIS JORNADAS DE TRABALHO PODEM GERAR TANTO O CANSAÇO FÍSICO COMO O PSICOLÓGICO COM TANTAS DEMANDAS PARA LIDAR NO DIA A DIA. VIMOS TAMBÉM O QUÃO IMPORTANTE É PARA AS MULHERES UMA REDE DE APOIO FAMILIAR E A ADOÇÃO DE UMA DIVISÃO DE TAREFAS NOS LARES BRASILEIROS. A REDE DE APOIO TANTO FAMILIAR QUANTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS PARA O SETOR DE CUIDADO COMO O ESTABELECIMENTO DE CRECHES OU DE CENTROS DE APOIO AOS IDOSOS, SE MOSTRA FUNDAMENTAL NA MUDANÇA DESSAS RELAÇÕES.

LOC ANA LUÍSA 6: ALÉM DISSO, É NECESSÁRIO PENSARMOS TAMBÉM EM MUDANÇAS NO ÂMBITO POLÍTICO QUE POSSAM FORNECER APOIOS REAIS PARA O RECONHECIMENTO E PARA A ATENUAÇÃO DESSE CENÁRIO DE SOBRECARGA VIVIDO PELAS MULHERES EM RELAÇÃO AOS CUIDADOS COM OS FILHOS, COMO É O CASO DA ARGENTINA, UM EXCELENTE EXEMPLO QUE RECONHECEU E LEGITIMOU ESSAS ATIVIDADES DE CUIDADO COMO TRABALHO A SER CONTABILIZADO PARA A APOSENTADORIA.

TÉCNICA: SOBE SOM – MÚSICA INSTRUMENTAL NÃO EXISTE AMOR EM SP - CRIOLO

LOC WANESSA 6: NO TERCEIRO E ÚLTIMO EPISÓDIO DA SÉRIE QUEM CUIDA DE QUEM CUIDA? FALAREMOS SOBRE COMO A POLÍTICA PODE AJUDAR NA MUDANÇA DE PERSPECTIVA SOCIAL EM RELAÇÃO À ECONOMIA DO CUIDADO, COMO UM COMEÇO PARA SE PENSAR MAIS SOBRE O ASSUNTO COM LEIS QUE PODEM APOIAR AS MULHERES QUE CUIDAM DO LAR E DOS FILHOS SOZINHAS. ALÉM DISSO, FALAREMOS TAMBÉM SOBRE A IMPORTÂNCIA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS EM VÁRIOS SETORES, E NÃO SOMENTE VOLTADAS PARA AS MULHERES, PARA A MUDANÇA DESSE CONTEXTO DE SOBRECARGA DE TRABALHO DAS BRASILEIRAS. TE AGUARDAMOS! ATÉ MAIS.

TÉCNICA: SOBE SOM – MÚSICA DEUS HÁ DE SER - ELZA SOARES

FICHA TÉCNICA

EPISÓDIO 3: COMO PODEMOS MUDAR?

VINHETA

TÉCNICA: BG – MÚSICA INSTRUMENTAL IT'S ONLY WORTH IT IF YOU WORK FOR IT - NEFFEX

CABEÇA (ANA CLARA): QUANDO FALAMOS EM ECONOMIA DO CUIDADO TAMBÉM FALAMOS SOBRE QUESTÕES SOCIAIS, CULTURAIS, E PRINCIPALMENTE POLÍTICAS. PENSAR EM POLÍTICAS PÚBLICAS QUE PODEM AJUDAR AS MULHERES EM RELAÇÃO ÀS ATIVIDADES DE CUIDADO, COMO A GARANTIA DE MAIS CRECHES, POR EXEMPLO, É FUNDAMENTAL PARA A ATENUAÇÃO DESSE CENÁRIO DE SOBRECARGA DAS MULHERES, JÁ QUE UMA MUDANÇA MAIS PROFUNDA, A ALTERAÇÃO DE MENTALIDADE É REALIZADA AOS POUCOS, A LONGO PRAZO, NADA SE TRANSFORMA DA NOITE PARA O DIA.

NO ÂMBITO POLÍTICO, NA CÂMARA DOS DEPUTADOS, ASSEMBLEIAS LEGISLATIVAS E SENADO FEDERAL, POR EXEMPLO, TAMBÉM FALTAM MULHERES QUE REPRESENTEM OS INTERESSES DESSE GRUPO. EMBORA AS MULHERES SEJAM MAIS DA METADE DA POPULAÇÃO BRASILEIRA, DE ACORDO COM DADOS DO IBGE, A REPRESENTAÇÃO DELAS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS, POR EXEMPLO, É PEQUENA. DOS 513 PARLAMENTARES ELEITOS EM 2018, APENAS 77 SÃO MULHERES. NO SENADO FEDERAL, O CENÁRIO TAMBÉM NÃO É DIFERENTE, A REPRESENTATIVIDADE FEMININA É BAIXA, DAS 81 CADEIRAS, SOMENTE 13 SÃO OCUPADAS POR MULHERES.

ENTÃO, COMO PENSAR POLÍTICAS PÚBLICAS QUE ENVOLVAM A ECONOMIA DO CUIDADO EM UM AMBIENTE DOMINADO POR HOMENS? COMO FAZER COM QUE AS DEMANDAS DAS MULHERES CHEGUEM ATÉ AS AUTORIDADES POLÍTICAS? A ECONOMIA DO CUIDADO TAMBÉM INTERFERE DE ALGUMA

FORMA NAS CIRCUNSTÂNCIAS QUE ACABAM POR NÃO FAVORECER A OCUPAÇÃO DE POSIÇÕES POLÍTICAS POR PARTE DAS MULHERES? NESSE CENÁRIO ATUAL HÁ COMO IMPLEMENTAR MUDANÇAS?

NESTE TERCEIRO E ÚLTIMO EPISÓDIO DA SÉRIE QUEM CUIDA DE QUEM CUIDA? ABORDAREMOS COMO A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DAS MULHERES É ESSENCIAL PARA A MUDANÇA DE RELAÇÕES DAS ATIVIDADES LIGADAS AOS CUIDADOS./ TAMBÉM FALAREMOS SOBRE POSSÍVEIS MEDIDAS A MÉDIO E LONGO PRAZO QUE PODERIAM ATENUAR A SITUAÇÃO DA SOBRECARGA DE VÁRIAS JORNADAS DE TRABALHO DAS MULHERES BRASILEIRAS. UMA DIMINUIÇÃO QUE PODERIA SER OBTIDA COM A IMPLEMENTAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS, NÃO SOMENTE VOLTADAS EXCLUSIVAMENTE PARA AS MULHERES, MAS EM OUTRAS ÁREAS, COMO SAÚDE, EDUCAÇÃO E ASSISTÊNCIA SOCIAL QUE PODERIAM TRAZER BENEFÍCIOS PARA TODA A POPULAÇÃO.

TÉCNICA: SOBE SOM – FREE ME - NEFFEX

LOC WANESSA 1: DE ACORDO COM O MAPA DAS MULHERES NA POLÍTICA, FEITO PELA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU), O BRASIL OCUPA O LUGAR CENTO E QUARENTA E DOIS NO RANKING DE REPRESENTAÇÃO FEMININA NO PARLAMENTO. ESSE RANKING ANALISA O NÍVEL DE PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES EM CARGOS POLÍTICOS EM CENTO E NOVENTA E DOIS PAÍSES. EM COMPARAÇÃO COM OUTROS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA, O BRASIL FICA À FRENTE SOMENTE DO HAITI E DE BELIZE.

LOC ANA LUÍSA 1: PARA A CIENTISTA POLÍTICA E PÓS-DOCTORANDA PELO CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO DA USP BEATRIZ

SANCHEZ, A REPRESENTAÇÃO PROPORCIONAL DAS MULHERES NA POLÍTICA É BAIXA QUANDO SE CONSIDERA A OCUPAÇÃO TOTAL DE CARGOS POLÍTICOS. NO ENTANTO, FORA DAS INSTITUIÇÕES POLÍTICAS FORMAIS, A PARTICIPAÇÃO FEMININA É GRANDE. PARA A CIENTISTA POLÍTICA DA USP É NECESSÁRIO QUE ESSA EXPRESSÃO POLÍTICA FEMININA OBSERVADA NOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONSIGA ALCANÇAR E CONSOLIDAR ESPAÇOS DE PARTICIPAÇÃO DENTRO DE INSTITUIÇÕES POLÍTICAS FORMAIS, COMO CÂMARAS E ASSEMBLEIAS LEGISLATIVAS, E TAMBÉM ESPAÇOS NO PODER EXECUTIVO E JUDICIÁRIO, PARA QUE A QUESTÃO QUE ENVOLVA A ECONOMIA DO CUIDADO SEJA AMPLAMENTE DEBATIDA POR AUTORIDADES POLÍTICAS.

SONORA BEATRIZ: A GENTE TEM VÁRIAS EVIDÊNCIAS DISSO, DE QUE TER MAIS MULHERES NA POLÍTICA, OCUPANDO ESSES ESPAÇOS - E AÍ NÃO SÓ NO LEGISLATIVO, MAS TAMBÉM NO EXECUTIVO, NO JUDICIÁRIO, QUE ATÉ UMA ÁREA POUCO ESTUDADA - TEM INFLUÊNCIA SOB A FORMULAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS. E ISSO TEM RELAÇÃO COM UMA QUESTÃO QUE ESTÁ RELACIONADA COM A REPRESENTAÇÃO SUBSTANTIVA, QUE TEM RELAÇÃO COM O CONTEÚDO DA REPRESENTAÇÃO POLÍTICA. ENTÃO, A IDEIA DE QUE AS MULHERES – QUANDO ELEITAS -, ELAS PROMOVEM POLÍTICAS PARA PROMOÇÃO DE IGUALDADE DE GÊNERO. AÍ EU POSSO CITAR UMA SÉRIE DE EXEMPLOS, COMO A LEI MARIA DA PENHA É UM EXEMPLO DISSO.

ENTÃO, FAZ SIM TODA A DIFERENÇA QUANDO A GENTE TEM MAIS MULHERES OCUPANDO ESSES ESPAÇOS. LÓGICO QUE TEM LIMITES TAMBÉM A REPRESENTAÇÃO POLÍTICA. A GENTE TEM VISTO CADA VEZ MAIS MULHERES DE DIREITA, ANTIFEMINISTAS, OCUPANDO CADEIRAS

DENTRO DO CONGRESSO, PRINCIPALMENTE AGORA NESSA LEGISLATURA, ISSO ACONTECE. MAS EU ACHO QUE DE FORMA GERAL, É POSSÍVEL AFIRMAR, SIM, QUE MAIS MULHERES NA POLÍTICA LEVA A PROMOÇÃO DE MAIS POLÍTICAS FAVORÁVEIS ÀS MULHERES.

TÉCNICA: BG – MÚSICA INSTRUMENTAL VESPERS ON THE SHORE - THE MINI VANDALS

LOC WANESSA 2: A FORMAÇÃO E COMPOSIÇÃO DAS INSTITUIÇÕES POLÍTICAS, SEJA O CONGRESSO NACIONAL OU A CÂMARA MUNICIPAL, POR EXEMPLO, TAMBÉM SÃO FRUTOS DO PROCESSO DE DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO, QUE REFORÇA A IDEIA DE QUE OS HOMENS NASCERAM PARA A VIDA PÚBLICA, PARA O TRABALHO FORA DE CASA, ENQUANTO AS MULHERES SÃO DESTINADAS A REALIZAREM OS AFAZERES DOMÉSTICOS E CUIDADOS COM A FAMÍLIA, COMO EXPLICA A CIENTISTA POLÍTICA BEATRIZ SANCHEZ.

SONORA BEATRIZ: QUANDO A GENTE PENSA NESSA QUESTÃO DA REPRESENTAÇÃO POLÍTICA DAS MULHERES TEM TODA ESSA RELAÇÃO DO CUIDADO E DA ECONOMIA DO CUIDADO. SE A GENTE PENSA COMO AS INSTITUIÇÕES FORAM MOLDADAS. E AQUI EU TRAGO O EXEMPLO TAMBÉM DA MATERNIDADE. A GENTE TEM MUITAS MULHERES MÃES QUE OCUPAM ESSE CARGO NA POLÍTICA, DE DEPUTADAS, SENADORAS, E TEM QUE CONCILIAR ESSA TAREFA DE CUIDADO COM OS FILHOS COM O MANDATO ELETIVO. PARA OS HOMENS, ISSO É DIFERENTE. ENTÃO É INTERESSANTE. LÁ NA MINHA PESQUISA DE MESTRADO, EU ANALISANDO O PERFIL DA BANCADA FEMININA, EU PERCEBI QUE A MAIOR PARTE DAS PARLAMENTARES ERAM OU SOLTEIRAS OU VIÚVAS, ENQUANTO OS

PARLAMENTARES HOMENS, A MAIOR PARTE DELES ERAM CASADOS. ENTÃO, O CASAMENTO PARA OS HOMENS ERA UM FATOR QUE FACILITAVA ESSA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA, PORQUE TERIA ALGUÉM QUE FARIA ESSAS TAREFAS DOMÉSTICAS, DE CUIDADO PARA QUE ELE PUDESSE PARTICIPAR DA POLÍTICA. ENQUANTO PARA AS MULHERES ERA ALGO QUE DIFICULTAVA A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA, PORQUE ELAS NÃO TINHAM TEMPO PARA CONCILIAR AS DUAS COISAS.

TÉCNICA: SOBE SOM – MÚSICA INSTRUMENTAL YAH YAH - JOSH PAN

LOC ANA LUÍSA 2: UMA PROJETO DE LEI QUE TRATA SOBRE A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES EM CARGOS POLÍTICOS FOI APROVADO PELO SENADO FEDERAL EM JULHO DE 2021. A MEDIDA PREVÊ QUE 30% DO FUNDO ESPECIAL DE FINANCIAMENTO DE CAMPANHA, O FUNDO ELEITORAL - ESTIMADO EM QUASE 5 BILHÕES DE REAIS PARA AS ELEIÇÕES DE 2022 - SEJAM DESTINADOS PARA CANDIDATURAS PROPORCIONAIS FEMININAS E QUE PELO MENOS 15% DOS PARLAMENTARES NO PODER LEGISLATIVO FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL SEJAM MULHERES. A PROPOSTA APROVADA PELOS SENADORES PREVÊ AINDA QUE, CASO NÃO HAJA NÚMERO DE MULHERES ELEITAS SUFICIENTES PARA PREENCHIMENTO DESSA COTA DE CADEIRAS, OBRIGATORIAMENTE DEVERÃO SER CONVOCADAS AS SUPLENTES DOS PARLAMENTARES ELEITOS.

O PROJETO AINDA PRECISA PASSAR POR APROVAÇÃO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS. CASO SEJA APROVADA, A MEDIDA AINDA VAI PRECISAR DE SANÇÃO PRESIDENCIAL PARA VIRAR LEI E ENTRAR EM VIGOR.

TÉCNICA: SOBE SOM – MÚSICA INSTRUMENTAL YAH YAH - JOSH PAN

LOC WANESSA 3: ESSA MENTALIDADE DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO, DE QUE HOMENS DEVEM TRABALHAR FORA DE CASA E A MULHER É QUE EXERCE SOZINHA AS ATIVIDADES DE CUIDADO COM O LAR E COM A FAMÍLIA, É SUSTENTADA PELO MACHISMO QUE AINDA EXISTE EM NOSSA SOCIEDADE. ISSO SE MOSTRA VISÍVEL NÃO SÓ COM A BAIXA ELEIÇÃO E CANDIDATURAS DE MULHERES NA POLÍTICA. ESSA MENTALIDADE É UM REFLEXO DA NOSSA SOCIEDADE COMO UM TODO, E EM CADA ASPECTO DO COTIDIANO, SEJA NO MERCADO DE TRABALHO, NA POLÍTICA OU DENTRO DE CASA, AS MULHERES AINDA SÃO ASSOCIADAS AO TRABALHO DE CUIDADO. UM EXEMPLO DISSO É A QUESTÃO DA LICENÇA-MATERNIDADE NO BRASIL, QUE PODE SER DE QUATRO A SEIS MESES. JÁ PARA OS HOMENS, A LICENÇA-PATERNIDADE É DE SOMENTE CINCO DIAS, DE ACORDO COM A CONSTITUIÇÃO FEDERAL, PODENDO SER AMPLIADA EM ALGUNS CASOS PARA VINTE DIAS.

LOC ANA LUÍSA 3: A ECONOMISTA E DOUTORA EM DEMOGRAFIA LUÍSA CARDOSO AFIRMA QUE PARA HAVER UMA MUDANÇA EM RELAÇÃO AO MERCADO DE TRABALHO, PARA QUE HOMENS E MULHERES SEJAM TRATADOS DE FORMA SEMELHANTE, PELO MENOS NO SENTIDO DA QUESTÃO DAS LICENÇAS QUANDO UM FILHO NASCE OU É ADOTADO, É NECESSÁRIO QUE HAJA UMA MUDANÇA TAMBÉM NAS RELAÇÕES SOCIAIS, NA MENTALIDADE DA NOSSA SOCIEDADE, QUE DESVINCULE O CUIDADO DE SER UMA OBRIGAÇÃO EXCLUSIVA DAS MULHERES. MAS ISSO DEMANDA TEMPO E MEXE COM QUESTÕES CULTURAIS E SOCIAIS, QUE LEVAM ANOS E ANOS PARA MUDAREM. A PESQUISADORA AINDA APONTA OUTRAS MEDIDAS QUE PODEM SER EFICAZES A MÉDIO E LONGO PRAZO PARA A MUDANÇA DE CENÁRIO.

SONORA LUÍSA: EU ACHO QUE A CURTO PRAZO A GENTE PRECISA PENSAR EM PROVIMENTO DE CRECHE, QUE SEJA AMPLA, COM MUITAS VAGAS, QUE SEJA ALGO POSSÍVEL. EU ACHO QUE A QUESTÃO DA LICENÇA-PARENTAL É OUTRA, DE TENTAR DE ALGUMA FORMA IR CRIANDO ESSA CULTURA DE QUE HOMEM PRECISA ESTAR EM CASA, QUE ELE PRECISA SE ENVOLVER COM AS QUESTÕES DA CASA, DA FAMÍLIA. EU ACHO QUE AS PRÓPRIAS PESQUISAS DE USO DO TEMPO SÃO MUITO IMPORTANTES, QUE É A FORMA QUE A GENTE TEM DE CONSEGUIR MAPEAR, MENSURAR, TENTAR ENTENDER ESSE PADRÃO DESSAS DIFERENÇAS ENTRE HOMENS E MULHERES, ENTRE BRANCOS E NEGROS.

E EU ACHO QUE A LONGO PRAZO É REALMENTE, É PENSAR EM NOVAS FORMAS DE MASCULINIDADES, DE FEMINILIDADE, DE COMO A GENTE COLOCA TANTO PESO NA FAMÍLIA NUCLEAR, DA IMPORTÂNCIA QUE É SE CASAR E SEGUIR AQUELAS EXPECTATIVAS SOCIAIS DENTRO DO CASAMENTO, EU ACHO QUE TUDO ISSO MUITO SE ESTRUTURA E SE ALIMENTA PARA CRIAR ESSA SITUAÇÃO QUE A GENTE TEM.

TÉCNICA: SOBE SOM – MÚSICA INSTRUMENTAL OCRE - AIURE

LOC WANESSA 4: NESSA LINHA DE PROPOR MUDANÇAS NO ASPECTO DAS RELAÇÕES DE CUIDADO NA SOCIEDADE BRASILEIRA, COM A ELABORAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS, A ORGANIZAÇÃO NÃO-GOVERNAMENTAL BRASILEIRA THINK OLGA ELABOROU UM RELATÓRIO COM POSSÍVEIS MUDANÇAS QUE PODEM SER FEITAS PARA QUE AS RELAÇÕES DE CUIDADO INCORPOREM ASPECTOS QUE NÃO SOBRECARRGUEM AS MULHERES. PARA QUE HAJA

EFETIVAMENTE NÃO SÓ UMA DIVISÃO DE TAREFAS IGUALITÁRIAS ENTRE TODOS, MAS UMA IGUALDADE ENTRE HOMENS E MULHERES.

O RELATÓRIO ABORDA UMA TRANSFORMAÇÃO EM QUATRO GRANDES ÁREAS, COMO O GÊNERO, QUESTÕES RACIAIS, EDUCAÇÃO E ECONOMIA. DE ACORDO COM A ORGANIZAÇÃO, AS MUDANÇAS DEVEM OCORRER EM TODOS OS SETORES DA SOCIEDADE, PARA QUE ASSIM SEJA POSSÍVEL UMA MUDANÇA DE MENTALIDADE.

LOC ANA LUÍSA 4: UM DOS PASSOS NA ECONOMIA, POR EXEMPLO, É PROMOVER DENTRO DAS EMPRESAS SALÁRIOS IGUAIS ENTRE HOMENS E MULHERES QUE EXERCEM AS MESMAS FUNÇÕES. JÁ NAS MEDIDAS QUE ENVOLVEM A QUESTÃO DE GÊNERO, UMA POSSÍVEL MUDANÇA É NO SETOR PÚBLICO, COM A CRIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS AFIRMATIVAS DESDE A EDUCAÇÃO BÁSICA ATÉ O ENSINO SUPERIOR, QUE CONSIDEREM QUESTÕES RACIAIS TAMBÉM.

DE ACORDO COM O RELATÓRIO DA ONG, A TRANSFORMAÇÃO TAMBÉM DEVE OCORRER POR MEIO DA EDUCAÇÃO, COMO A FAMÍLIA PROMOVER DIÁLOGOS SOBRE A DIVISÃO DAS TAREFAS DE CUIDADO DENTRO DE CASA. ESSE CAMINHO PODE SER UM PASSO IMPORTANTE PARA COMEÇAR UMA MUDANÇA DE MENTALIDADE NA NOSSA SOCIEDADE.

TÉCNICA: BG – MÚSICA INSTRUMENTAL SAILING - TELECASTED

LOC WANESSA 5: NESSE SENTIDO, A ASSISTENTE SOCIAL E PROFESSORA DA ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO ANA IZABEL MOURA DIZ QUE OS MOVIMENTOS SOCIAIS SÃO ESSENCIAIS PARA DAR VISIBILIDADE E IMPULSIONAR O DEBATE SOBRE A ECONOMIA DO

CUIDADO E A SOBRECARGA DAS MULHERES COM ESSES SERVIÇOS DE CUIDAR DA CASA E DOS FAMILIARES. ALÉM DISSO, A ASSISTENTE SOCIAL AFIRMA QUE O ESTADO ATÉ QUE TENTA RESPONDER A ESSE MOVIMENTO DA SOCIEDADE COM A ELABORAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS MULHERES, MAS NÃO É O SUFICIENTE. PARA ELA, DEVEM SER ELABORADAS POLÍTICAS PÚBLICAS EM OUTROS SETORES, COMO NA EDUCAÇÃO, COM A GARANTIA DE DIREITO A CRECHES.

SONORA ANA IZABEL: AS PESSOAS ESTÃO ADOECENDO DADA ESSA SOBRECARGA DO TRABALHO E ESSE DISCURSO DO TRABALHO INVISÍVEL. EU NÃO VOU COMER COMPUTADOR, EU PRECISO TER UM TEMPO, ALGUÉM TEM QUE CUIDAR DA ESFERA DA REPRODUÇÃO, E QUE NÃO NECESSARIAMENTE TEM QUE SER A MULHER. EU ACHO QUE É UMA TRAJETÓRIA LONGA QUE TEM QUE SER PERCORRIDA, JÁ VEM SENDO PERCORRIDA, TEM A FORÇA, O PROTAGONISMO DOS MOVIMENTOS POPULARES DE MULHERES, MULHERES NEGRAS, MULHERES BRANCAS, ENTÃO, A SOCIEDADE ELA MEIO QUE TURBINA ESSE DEBATE.

EU ACHO QUE O PODER PÚBLICO RESPONDE, MAS RESPONDE MAL E DE FORMA INSUFICIENTE. ENTÃO, PENSAR POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS NÃO SÓ PARA AS MULHERES, PARA TODOS E PARA CADA UM, MAS TENDO ESSE OLHAR MAIS CUIDADOSO PARA ESSA DIREÇÃO DO CUIDADO, VOCÊ PENSAR EM LUGAR DE ABRIGO, DE ACOLHIMENTO, DE CUIDADO, DE ASSISTÊNCIA PARA AS PESSOAS IDOSAS, PARA AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA.

TÉCNICA: SOBE SOM – MÚSICA INSTRUMENTAL DONA DE MIM - IZA

LOC ANA LUÍSA 5: NESTE TERCEIRO E ÚLTIMO EPISÓDIO DA SÉRIE QUEM CUIDA DE QUEM CUIDA? VIMOS QUE É POSSÍVEL TRAÇAR NOVAS ROTAS NA HISTÓRIA DA ECONOMIA DO CUIDADO, MAS É NECESSÁRIO CONSCIÊNCIA E VONTADE PARA INICIAR ESSE PROCESSO DE MUDANÇA DA NOSSA SOCIEDADE.

LOC WANESSA 6: A SÉRIE MOSTROU QUE TODA A SITUAÇÃO QUE ENVOLVE A ECONOMIA DO CUIDADO E COMO ELA É DEFINIDA ATUALMENTE É UMA SITUAÇÃO ESTRUTURAL E COMPLEXA, FAZ PARTE DA MENTALIDADE DA NOSSA SOCIEDADE E EXISTE DESDE MUITO ANTES DE NASCERMOS, QUE PASSA PELO AMBIENTE FAMILIAR, NAS RELAÇÕES DENTRO DE CASA, E CHEGA A REFLETIR ATÉ NA FALTA DE MULHERES QUE REPRESENTEM OS INTERESSES DO SEU PRÓPRIO GRUPO EM INSTITUIÇÕES POLÍTICAS.

LOC ANA LUÍSA 6: É NECESSÁRIO ELABORAR POLÍTICAS PÚBLICAS QUE DIMINUAM ESSA SOBRECARGA DE VÁRIAS JORNADAS DE TRABALHO EXERCIDAS PELAS MULHERES BRASILEIRAS, COMO A AMPLIAÇÃO DO NÚMERO DE CRECHES E QUE ELAS CONSIGAM ATENDER AS DEMANDAS DE TODAS QUE NECESSITEM DESSE APOIO. É PRECISO DE MAIS PESQUISAS QUE DIMENSIONEM E EVIDENCIEM DADOS MAIS CONCRETOS E ATUAIS SOBRE A DIVISÃO DO TEMPO ENTRE OS BRASILEIROS, PRINCIPALMENTE DAS MULHERES BRASILEIRAS, POIS ESSAS MEDIDAS PODEM AJUDAR NA CRIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS EM RELAÇÃO ÀS ATIVIDADES DE CUIDADO. MAS A PRINCIPAL MUDANÇA, COMO SEMPRE, VEM POR MEIO DA EDUCAÇÃO, DA MUDANÇA DE MENTALIDADE, QUE É POTENCIALMENTE TRANSFORMADA AOS POUÇOS, DE GERAÇÃO PARA GERAÇÃO.

TÉCNICA: BG – MÚSICA TODA HUMANIDADE NASCEU DE UMA MULHER - VANESSA DA MATA

SONORA BEATRIZ: POR ISSO QUE EU ACHO MUITO IMPORTANTE NESSE ANO DE 2022, ANO DE ELEIÇÕES, PARA GENTE PENSAR NISSO, PENSAR COM MUITO CUIDADO EM QUEM A GENTE VAI VOTAR, QUAIS SÃO AS PROPOSTAS QUE OS POLÍTICOS QUE A GENTE VOTA DEFENDEM, E NÃO SÓ VOTAR COMO UMA COISA BANAL, MAS PENSAR E TIRAR UM TEMPO PARA ISSO, PORQUE É MUITO, ISSO FAZ DIFERENÇA. E PENSAR NÃO SÓ PARA OS CARGOS DO EXECUTIVO COMO TAMBÉM PARA O LEGISLATIVO, PORQUE AS DUAS COISAS ANDAM JUNTAS. ESSE ANO, EU ACHO QUE VAI SER UM ANO MUITO DECISIVO, NESSA QUESTÃO DA GARANTIA DOS DIREITOS. E EU SOU OTIMISTA EM ACHAR QUE MUDANÇAS VIRÃO, E MUDANÇAS PARA MELHOR.

TÉCNICA: SOBE SOM – MÚSICA TODA HUMANIDADE NASCEU DE UMA MULHER - VANESSA DA MATA

FICHA TÉCNICA